NÚMERO 81 | 15 DE AGOSTO A 15 DE SETEMBRO DE 2009 | 1 €

NOVAS DA GALIZA

PERIÓDICO GALEGO DE INFORMAÇOM CRÍTICA

"A música é emoçom, portanto a música cantada em português é música nossa, é parte das nossas emoçons"

Xurxo Souto, artista e jornalista

PÁGINA 16

O movimento galego perante a deriva empresarial e institucional da maior parte dos festivais do Verao

CARACTERIZAM-SE POLO CONSUMO DE MASSAS E AUSÊNCIA DE REIVINDICAÇOM

Os festivais já nom som o que eram, ou polo menos grande parte dos mesmos. O mais conhecido de todos eles, o Mundo Celta, rebaptizado como 'Festival de Ortigueira', nascia há três décadas organizado por umha escola de gaitas local para revalorizar o folk; visava dar voz a umha geraçom que gozava da cultura galega e praticava a reivindicaçom. Com os mesmos alicerces voluntaristas e reivindicativos, mas abertos às novas expressons musicais galegas como o bravu, surgiam outros festivais nos anos 90. Depois de um longo parêntese, a recuperaçom do festival de Ortigueira significou umha radical viragem das bases e objectivos de grande parte da oferta estival de lazer, tam consumida polo nacionalismo sociológico juvenil: implicaçom económica de grandes empresas nada comprometidas com a nossa cultura, como a Gadis ou a Estrella Galicia, fomento de umha dinámica mercantil alternativa, com compra e venda de todo tipo de objectos, e ausência absoluta de dinámica de reivindicaçom e luita popular. Em muitos casos, o alternativo nom está censurado, mas desvirtuado, ou simplesmente confundido desde o momento mesmo do início da festa: o circuito de festivais do Verao alimenta o transporte de longa distância, a sobreposiçom de umhas celebraçons com outras, e a ánsia por participar de todo. A gente procura umha experiência instantánea, a ser possível forte. Trata-se de mais umha manifestaçom do imperativo produtivo do lazer. Porém, em oposiçom às grandes concentraçons juvenis de massas anónimas, concentradas ao redor do carro particular, o álcool e grandes eventos musicais patrocinados por empresas, o movimento galego consegue levar avante essoutros festivais onde a mao-de-obra é militante, e o propósito, nacional é de esquerda. Passado o Verao fomos analisar ambos os fenómenos, sem obviar as azedas polémicas que este debates costuma ressuscitar. Recuperamos também umha figura protagonista indiscutível dos festivais dos 70, o Zeca Afonso, a 80 anos do seu nascimento. / Pág. 12

Os ERE a descoberto

Um complexo termo véu acompanhar outros como flexibilidade ou deslocalizaçom num ámbito, o laboral, especialmente dado a gerar eufemismos que escondem cruas realidades. Trata-se dos Expedientes de Regulaçom de Emprego (ERE). Traduzido ao dia-a-dia dos trabalhadores e trabalhadoras que os padecem, trata-se de processos para facilitar o despedimento colectivo. No nosso país, e mui especialmente na província de Ponte Vedra, onde o sector do metal tem grande importância, os ERE cobrárom especial relevância com a crise. Entre Janeiro e Maio deste ano autorizárom-se no nosso país 584 EREs, quase seis vezes mais que no mesmo período de 2008. Ainda, esta quantia ultrapassa também a do ano passado na íntegra (478). Estes 584 EREs afectam um total de 11.229 trabalhadores e trabalhadoras, volume quase treze vezes superior à do período Janeiro-Maio do ano passado, e quase o duplo de 2008 na íntegra, quando se autorizárom 6.801 regulaçons massivas de emprego. Haveria que somar o número de pessoas afectadas dos três anos anteriores (13.018) para ultrapassar – e nem muito – o que leva andado 2009. Mas os ERE som muito mais do que isto. Para além das destruiçons de empregos directos, implicam também um forte pioramento das condiçons de trabalho das pessoas que nom perdêrom o trabalho, e a sua ameaça é utilizada em numerosas ocasions de forma preventiva, de maneira a evitar a reclamaçons de novas conquistas laborais por parte das pessoas assalariadas. Novas da Galiza analisa a incidência dos ERE no nosso país, documentando as suas reais proporçons e debruçando-se sobre a legislaçom que lhes dá cobertura. / Pág. 11

Junta exclui NOVAS DA GALIZA das ajudas aos meios escritos em galego

Usam o pretexto da normativa, voltando a ignorar que nom existe nengumha lei que obrigue os cidadaos a usarem umha determinada norma lingüística / 07

Meios de comunicaçom ligados ao BNG em crise após a derrota eleitoral

E AINDA...

Foto-reportagem do Dia da Pátria

ENTREVISTA A ACTIVISTAS 'OKUPAS' do centro social 'As Atochas' da Corunha

GREVE DO SECTOR PESQUEIRO da ria de Vigo para apoiar os marinheiros de Cangas contra o porto desportivo convocada para 11 de Setembro

PP BLOQUEIA PARTOS naturais no SERGAS

Opinions de: *Gustavo Luca de Tena, Paula San Vicente, Nuno Gomes Lopes e Héitor Picallo*

NOVAS DA GALIZA
15 de Agosto a 15 de Setembro de 2009

A oposiçom fala bem de Fraga

GUSTAVO LUCA

"NUMHA SITUAÇOM POLÍTICA NORMALIZADA, RECONHECER VIRTUDES AO CAMPO POLÍTICO CONTRÁRIO FORMA PARTE DA CORTESIA DEMOCRÁTICA. NO NOSSO CASO, QUE A OPOSIÇOM RETIRE O BUSTO DE MF DA GALERIA DAS INFÁMIAS CONTRA O GALEGO E O META NO ANDEL DAS HONRAS, SÓ PODE TRANSMITIR DESASSOSSEGO E DESCONCERTO"

Para a oposiçom realmente existente, a actuaçom da presidência de Manuel Fraga (MF) em relaçom à Língua nom foi negativa.

Trata-se, decerto, dum juízo da posiçom do governo de MF com o idioma da Galiza em comparança com a proposta do seu vice-presidente e sucessor designado Núñez Feijóo de privar o Galego do carácter de assunto nacional e portanto merecedor de diferença positiva, para o submeter às preferências dos pais dos alunos e dos próprios escolantes.

A oposiçom, de mais esta dizê-lo, fai a louvança de MF para lhe dar com ela na cabeça ao actual presidente, o que se chama fazer umha concessom de parte ao adversário para transferir o conflito para o seu campo.

Numha situaçom política normalizada, reconhecer virtudes ao campo político contrário forma parte da cortesia democrática. No nosso caso, que a oposiçom retire o busto de MF da galeria das infámias contra o Galego e o meta no andel das honras, só pode transmitir desassossego e desconcerto.

Em primeiro lugar porque MF foi um censor caracterizado do Galego durante a dictadura, desde a cómica criaçom de um "Premio Literario de la Tierra LLana" até a censura das heróicas editoriais e dos escritores galegos. MF inventou a mentira pública de apresentar como escritores em Espanol os que, como Cunqueiro ou Ánxel Fole ou Risco tivérom de botar mao doutra língua para sobreviverem.

Ao mesmo tempo, a oposiçom fai um reconhecimento concreto da "sensibilidade e prudência" de MF em política lingüística durante o tempo que governou em Santiago. Consagra deste jeito o mito difundido polo próprio MF de que ele mesmo actuara coma quintacolunista da Ditadura em prol do progresso democrático e que renunciara depois ao destino manifesto de presidente de Espanha para se sacrificar polo solar que o viu nascer. Porém, MF foi lançado (seria mais justo dizer expulso) de Madrid para a Galiza como parte da amortizaçom do franquista, e depois de comprovar que a política conservadora espanholista dera contra o seu próprio teito por causa do lastro de fascistas irredimíveis como Fraga. Que fijo MF polo Galego na Junta? Impedir mediante o desvio de centenas de milhons o debate público sobre a reforma normativa, aprovar leis de ensino que fôrom deliberadamente privadas de sistema de execuçom e coerçom para evitar o seu desenvolvimento real, seqüestrar a TVG em benefício da livre escolha de idioma dos comparecentes, previamente seleccionados entre fundamentalistas do espanhol. Valerá a pena engadir que toda a dialectica possível entre o Galego da Galiza e o Galego emigrante evoluído cara a normas diferentes, foi perseguido policialmente até remotas bibliografias de opúsculos de mínima difusom?

Nom é pouco o que se premeia ao louvar Fraga para meter paus nas rodas a Feijóo. Algumhas almas de boa fé cuidárom que o Fascismo morrera quando as divisons soviéticas coroárom o Reichstag com bandeiras vermelhas. No acto de premiar Carl Schmitt em Madrid, como pensador para o seculo XXI e outras maravilhas, MF assinalava que o grande contributo do homenageado fascista alemám ao pensamento conservador consistia em fazer possível a teoria dum Estado integral de direita sem necessidade de camisas azuis e negras, mediante umha democracia parasitada e dotada só em aparência de participaçom. Como bem explica o pensador comunista italiano Domenico Losurdo, o que Schmitt inventa é o fascismo sem fáscio, a meio dumha paralisia da democracia como a que MF trouxo à Galiza de mao da anulaçom do Parlamento, das privatizaçons e da congelaçom efectiva do debate público através do suborno de emissoras e jornais privados, a entrega da saúde pública e a ocultaçom das listas de espera com o pagamento de milionários subornos em forma de publicidade.

Beiras tinha toda a razom, MF era uma peste para a Galiza. A oposiçom fai que nom vê a cabeça da besta para dessa maneira lhe pisar o rabo. Valente favor está a fazer assim ao País.

O PELOURINHO DO NOVAS

Se tens algumha crítica a fazer, algum facto a denunciar, ou desejas transmitir-nos algumha inquietaçom ou mesmo algumha opiniom sobre qualquer artigo aparecido no NGZ, este é o teu lugar. As cartas enviadas deverám ser originais e nom poderám exceder as 30 linhas digitadas a computador. É imprescindível que os textos estejam assinados. Em caso contrário, NOVAS DA GALIZA reserva-se o direito de publicar estas colaboraçons, como também de resumi-las ou estractá-las quando se considerar oportuno. Também poderám ser descartadas aquelas cartas que ostentarem algum género de desrespeito pessoal ou promoverem condutas antisociais intoleráveis.

Endereço: **pelourinho@novasgz.com**

JUSTIÇA DESCOBRE TRAPALHADAS DO PLANO AQÜÍCOLA

No passado fim de semana, a ADEGA tivo conhecimento pormenorizado de umha sentença do Tribunal Superior de Justiça da Galiza (TSJG; de 22 de Janeiro de 2009 e recorrida pola anterior Junta), de transcendental importância para o futuro da nossa costa. Em primeiro termo, a sentença invalida o Plano Aqüícola do bipartido por defeito de forma: [...] tinha que ter seguido o artigo 162 da Lei 30/1992 previsto para os actos nulos de pleno dereito. [...] Mas, quais esses "actos nulos de pleno direito" de que fala o TSJG? Pois o Plano Sectorial de Parques de Tecnologia Alimentar do Sr. López-Veiga, aprovado no último Conselho da Junta da era Fraga, sendo vice-presidente e conselheiro de Política Territorial o Sr. Feijóo. E a razom da nulidade nom é precisamente um "falho no procedimento": é por carecer de Declaraçom de Impacto Ambiental, por incumprimento da Lei 9/2001 de Conservaçom da Natureza e da Directiva 92/43 CE de Habitats. Isto é o que a ADEGA denunciou no seu momento.

Deste maneira, temos um Plano Aqüícola invalidado (o do bipartido) por defeito de procedimento. Portanto, fica em vigor a norma anterior, isto é, o Plano Sectorial de Parques de Tecnologia Alimentar de Fraga-Feijóo-López Veiga… que é ilegal e nulo de pleno direito segundo o TSJG! Cumpre lembrar que o plano do PP de 2005 situava em espaços protegidos 28% das macrofábricas de peixe, e o do bipatido por volta de 3%. Isso sim, ambos nom tinham em conta os impactos na pesca litoral, o marisqueio, o turismo, a paisagem, a sociedade… das imensas centrais colocadas em primeira linha de costa que deitariam milhons de m3 de águas sem depurar nas milhores águas do país. E todo por quase nada e a menos de 1€ por metro quadrado, ao mais puro estilo do Zimbabwe de Mugabe. [...]

Ainda por cima, a Junta de Feijóo acaba de autorizar a ampliaçom de umha piscifactoria (a de Mougás, de PESCANOVA), declarada ilegal por outra sentença do TSJG. Mas, se nos pararmos a pensar, esta instalaçom, de que Plano Sectorial emana? Do inválido do bipartido ou do nulo e ilegal do PP? Nom somos juristas, mas se a Junta do Sr. Feijóo aprovou há uns dias, conhecedor de que esta sentença do TSJG (de Janeiro de 2009) invalidava o vigente Plano Aqüícola e considerava nulo e ilegal o anterior, umha instalaçom que conseqüentemente é ilegal, tal acto nom poderia tipificar-se como prevaricaçom? [...]

ADEGA insta o novo governo a aproveitar a oportunidade que brinda esta sentença para emendar erros passados. Com a abertura de umha mesa sectorial com representaçom do tecido produtivo que tem a sua base nos recursos marinhos, da representaçom sindical, colectivos sociais, cámaras municipais, patronato aqüícola, e na qual os ecologistas também queríamos dizer algo (ainda que só fosse porque os tribunais estám a dar-nos sistematicamente a razom).

ADEGA, Compostela, 17 de Agosto de 2009

Tatuados de tempo

PAULA SAN VICENTE

◆

"LEMBRO AS MÃOS DA MINHA MÃE E AS DE MEU PAI. LEMBRO AS MÃOS DA MINHA AVÓ ONDE CONTAVA EM TARDES ABORRECIDAS DE CHUVA, COM PACIÊNCIA E CARINHO, AS SUAS LENTILHAS TATUADAS. PENSO QUE NO TEMPO QUE LEVO SENTADA DIANTE DO TELEVISOR NÃO APARECEU ANCIÃO NENHUM A QUEM DESTINARAM APENAS UM SEGMENTO DE VINTE SEGUNDOS"

◆

Acaba outro dia. Sento-me um instante diante do televisor para deixar-me invadir pelas moscas do sono. Apenas publicidade. Tento deixar-me levar e consentir no mau trato psicológico e voluntarioso que pratica o televisor. Fico sentada, à espera. Deixo passar os mil cremes que apagarão as minhas rugas e me converterão no branco de todos os olhares de desejo. Deixo passar os sabões que me produzirão o mais elevado dos prazeres sexuais –sempre o prazer é sexual em publicidade– e desenharão ao meu redor uma auréola de fatal atrativo a que não se poderá escapar macho nenhum pela rua. Os desodorizantes que, num rapto de desespero, têm encontrado designers e fabricantes para conseguir o efeito de feromona animal sem desvirtuar a beleza escondida da minha axila, essa grande desconhecida, essa abandonada, esse cantinho esquecido do corpo feminino que tanto descuidamos e que tanto mimo quer, precisado de perfumes e outros enfeites antes de se poder exibir. Jactar-se de axilas, meu Deus! Deixo passar também os cremes depilatórios de sprinter para imprevistos, os parches de herpes labial para não fazer baixa nos beijos, os remédios mágicos para suportar os saltos altos e dançar 24 horas sem mudar o sorriso... Percebo-me um ar de leve indignação que não passa dos valores quotidianos, uma rebeldia de rotina que tem qualquer coisa a ver com essa má disposição das crianças na hora da comida. É uma rebeldia que me define e confina nos limites de quem sou. Na verdade, penso, estes minutos diante da televisão são uma maneira de consentir um abuso: *"Porque é que não tinges o teu cabelo, desleixada? Como é que não perfumas o teu corpo e esticas as tuas celhas e afinas as tuas coxas e apagas as tuas rugas? Como é que ousas, mulher, estar aí deitada no sofá com pijama e olheiras, sem atrativo nenhum, sem perfume, sem umhas pintadas e sempre de pantufas?"*

Podia sentir-me pequenina, atrapalhada e sem resposta ante tanta evidência de desleixo, porque certamente, se eu acreditar, o meu destino parece claramente ser esse ícone sexual que não atinjo. Mas tanto faz. Tenho sono. Não quero incomodar-me. Penso assim, com pouca seriedade, no difícil que é ser mulher e manter a auto-estima e às tontas me conforto pensando que "eles", os homens, também estão a cair na armadilha.

Tudo é costume finalmente e a minha rebeldia desabafa em surdina, é aprendida... Mas agora, quando já ia renunciar e deixar cair as pálpebras limpas vencidas pelo sono, convertida a TV num zunir de insecto, eis que aparece um novo produto: "As tuas mãos rebelam a tua idade?" As minhas mãos? Ora essa! As minhas mãos! As traidoras que andam a contar por aí os anos que eu tenho! Então olho para elas, minhas mãos, e penso no que elas estiveram a fazer durante o dia. Não vou contar, todos sabemos o que as nossas mãos trabalham. Não é o produto o que me revolta. Revolta-me o descaro, a falta de pudor, a ausência de vergonha na mensagem, o salto para a evidência: as mãos rebelam a minha idade. Eis o grande secredo. O inconfessável. O écran congela-se no avesso das mãos que mostram umas manchas escuras como pingas do tempo. As minhas são assim mesmo: mais nódoas na esquerda que na direita. Restos da luz. Lembro as mãos da minha mãe e as de meu pai. Lembro as mãos da minha avó onde contava em tardes aborrecidas de chuva, com paciência e carinho, as suas lentilhas tatuadas. Penso que no tempo que levo sentada diante do televisor não apareceu ancião nenhum a quem destinaram apenas um segmento de vinte segundos. A velhice não existe, é preciso prevenir, esconder, ocultar, desmentir, mentir, negar. A velhice não existe. Engasgados nós neste asilo em forma de sofá com janela perpétua para a juventude, obstinados em apagar a tatuagem do tempo.

NOVAS DA GALIZA

EDITORA
MINHO MEDIA S.L.

DIRECTOR
Carlos Barros G.

CONSELHO DE REDACÇOM
Alonso Vidal, Antom Santos, Iván Garcia, Helena Irímia, Eduardo S. Maragoto, Olga Romasanta, Carlos Calvo, Paulo Vilasenim, Xoán R. Sampedro, Aarón L. Rivas, David Canto

DESENHO GRÁFICO E MAQUETAÇOM
Miguel Garcia, Carlos Barros, Manuel Pintor

IMAGEM CORPORATIVA. Miguel Garcia

FECHO DA EDIÇOM: 22/08/09

INTERNACIONAL
Duarte Ferrín

COLABORAÇONS
Zélia Garcia, José E. Vicente, Sole Rei, Maria Álvares, Vera-Cruz Montoto, Xiana Árias. **Opiniom**. Gustavo Luca, Maurício Castro, X. C. Ánsia, Santiago Alba, Daniel Salgado, Kiko Neves, J.R. Pichel, Carlos Taibo, Celso Á. Cáccamo, Jorge Paços, Adela Figueroa, Joám Peres, Pedro Alonso, Luís G. 'Foz', Alberte Pagán, Concha Rousia, Xurxo Martínez, Alexandre Banhos, Raul Asegurado, Miguel Penas. **Cronologia.** Iván Cuevas. **Música**. Jacobe Pintor. **Galiza Natural**. João Aveledo. **Sexualidade**. Beatriz Santos. **Língua Nacional**. Valentim Fagim. **Desportos**. Anxo Rua Nova, Ismael Saborido. **Cinema**. Francesco Traficante

FOTOGRAFIA
Arquivo NGZ
Natália Gonçalves
Galiza Independente (GZI)

ADMINISTRAÇOM
Irene Cancelas Sánchez

HUMOR GRÁFICO
Suso Sanmartin, Pepe Carreiro, Pestinho+1, Xosé Lois Hermo, Gonzalo Vilas

CORRECÇOM LINGÜÍSTICA
Eduardo Sanches Maragoto
Fernando Vázquez Corredoira
Vanessa Vila Verde
Mário Herrero (Suplemento)

D. LEGAL: C-1250-02 / As opinions expressas nos artigos nom representam necessariamente a posiçom do periódico. Os artigos som de livre reproduçom respeitando a ortografia e citando procedência.

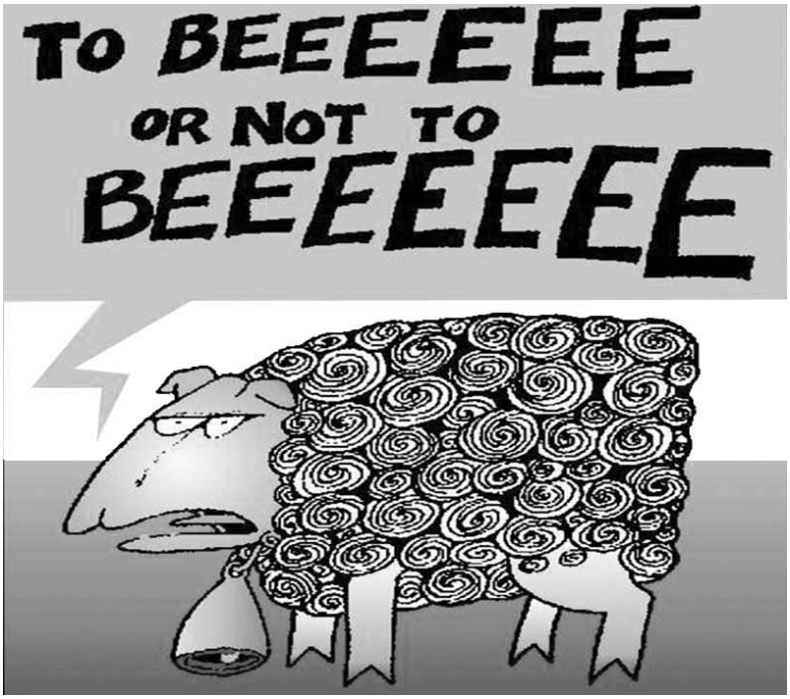
A CONTUNDÊNCIA DOS DE SEMPRE

O presidente da Real Academia Galega manifestou recentemente que "a Galiza tem problemas mais graves que o idioma". Umha forma suave de dizer que nom devemos preocupar-nos com o gritante corte de direitos dos galegos, em forma de agressom lingüística, e que a "crispaçom" nunca ajuda os débeis.

Longe da anedota, a toleráncia com a violência dos que mandam e a exibiçom de brandura foi umha das notas distintivas do galeguismo e grande parte do nacionalismo político. A crença numha doçura idiota, que nos permitiria malviver sob todo o tipo de agressons, é a nota distintiva da condiçom vitimária das elites galegas, um lastro histórico que nos arrasta a graus insuportáveis de indolência. Idêntico tacto com o poder mostrara o nacionalismo autonomista na curta singradura governante, para receber rejeiçom das suas bases, e a resposta fachendosa da direita que agora desgoverna. O tacto, a prudência e o delicado sentido institucional abrírom passo a um neofranquismo arrogante, umha aldragem inédita aos símbolos galegos, e um caminhar a todo o trem para a desfeita ecológica e social.

Nada novo num país que continua a aturar os mesmos inimigos, e semelhantes atitudes, desde a Iª Restauraçom que tanto admirava Manuel Fraga. Isso sim, tempo avondo para tomarmos nota dos resultados miseráveis deste culto à fraqueza e à impotência.

FRANJO PADIM



NOVAS DA GALIZA
15 de Agosto a 15 de Setembro de 2009

NOTÍCIAS

GREVE EM TODA A RIA DE VIGO PARA PARALISAR AS OBRAS DE MASSÓ

REDACÇOM / Depois do êxito da manifestaçom contra a construçom do porto desportivo do Salgueirom, que reuniu por volta de 5.000 pessoas em Cangas no dia 1 de Agosto, as medidas de pressom vam intensificar-se no mês de Setembro com a convocaçom de umha greve para o dia 11. Evaristo Fernández, patrom maior da Confraria Sam José desta localidade do Morraço, explicou que nesse dia vam paralisar a actividade pesqueira durante 24 horas, tanto em lotas como confrarias, e que entre as 11h00 e as 13h00 haverá umha concentraçom de embarcaçons nas imediaçons do Salgueirom, onde se encontra a antiga fábrica de Massó e onde se estám a realizar as obras que pretendem paralisar. Umha concentraçom semelhante já se produziu no sábado dia 15 ao meio-dia, com umha alinhaçom de navios ao longo do perímetro "da monstruosidade que pretendem levar a cabo".

Quanto à greve, os colectivos que acordárom esta medida fôrom, para além da confraria canguesa, as de Moanha, Redondela, Arcade, Vigo, Guarda, Aldám, Bueu, a cooperativa Mar do Morraço, a agrupaçom marisqueira Pedras de Oliveira e alguns mexilhoeiros. No total, representam entre 800 e 900 embarcaçons. Porém, Evaristo Fernández explicou que agrupaçons de outros pontos da província de Ponte Vedra também decidírom aderir à medida de pressom. "A convocatória é extensiva à província, mas nom se pede tanto que parem, senom que mostrem o seu apoio", afirmou.

Manifestaçom e negociaçons

A grande concentraçom de manifestantes do dia 1 de Agosto demonstrou, para os marinheiros, que as reivindicaçons do sector pesqueiro e marisqueiro conta com o apoio de todo o povo de Cangas. Como demonstrárom outras luitas vividas na localidade, como a dos marinheiros do Banco Canário-Sariano e os protestos contra a retirada de areia de Soavela, a resistência à macroconstruçom sobre a ria adivinha-se dura, mas "o chamado porto desportivo nom se fará", asseguram contundentes. Nas últimas semanas produzírom-se múltiplas detençons de vizinhos e vizinhas que pretendiam impedir o progresso da obra, entre elas umha vereadora da Alternativa Canguesa de Esquerda. A última aconteceu no próprio dia 1 de Agosto, quando foi detida umha manifestante que protestava contra o recheio do Salgueirom. Por outro lado, Evaristo Fernández anunciou que a intençom dos marinheiros é negociar, e antepujo à desconvocaçom da greve resultados positivos na paralisaçom da obra, que exigem à Cámara Municipal, à Subdelegaçom do Governo e aos próprios promotores.

Polícia espanhola assinala resistência galega como autora dos ataques recentes contra as caixas

REDACÇOM / Com o pano de fundo da greve do metal, o conflito do porto desportivo de Massó, e a celebraçom do dia nacional, sucedêrom-se vários ataques na zona sul da Galiza. Alguns deles efectuárom-se com explosivos, enquanto outros recorrêrom a substâncias inflamáveis. Caixanova e Caixagalicia fôrom os alvos que procurárom os autores e autoras. A última sabotagem produziu-se em vésperas do Dia da Pátria no bairro viguês do Calvário. Um pequeno pacote com a inscriçom "perigo bomba" alertou os trabalhadores da sucursal, que aginha avisárom a polícia. A explosom, provocada polos Tedax, tombou a vidraça da sede e provocou danos de diversa consideraçom.

A Delegaçom do Governo espanhol, agora comandada por Antón Louro, repetiu os rituais de condena e destacou a condiçom "mui minoritária" dos autores. A polícia espanhola, por seu turno, declarou à imprensa empresarial que a autoria da resistência galega "nom admitia dúvida".

Por sua vez, o 23 de Julho NOVAS DA GALIZA recebeu umha reivindicaçom anónima acompanhada com fotografias que aludia ao lançamento de um artefacto incendiário contra umha sucursal da Caixanova no Burgo (Culheredo).

Solidariedade operária com o metal de Ponte Vedra frente a repressom

REDACÇOM / A Confederaçom Intersindical Galega (CIG) anunciou a criaçom de um fundo de solidariedade com as trabalhadoras e trabalhadores do sector do Metal da província de Ponte Vedra, pois muitos dos que participárom nos piquetes ou fôrom identificados nalgum dos actos reivindicativos estám a receber multas que se aproximam dos mil euros. O sindicato nacionalista prevê que perto de 400 pessoas fossem afectadas polas medidas repressivas.

O sector protagonizou umha greve de trinta dias de carácter intermitente que se caracterizou pola dureza negociadora da patronal e a brutalidade policial no momento de reprimir as manifestaçons, chegando a coarctar também o exercício da liberdade de expressom de alguns informadores, sobretodo independentes. A CIG culpa desta última situaçom o PSOE e o uso que fijo das Subdelegaçons do Governo Espanhol e da Fiscalia.

Por estes motivos, a central nacionalista entende que se trata de um conflito muito importante a nível sindical e daí a criaçom deste fundo em que pode participar qualquer pessoa. A conta está aberta em Caixanova com o nome 'Fundo de Solidariedade com a Luita do Metal' e tem o número 2080-04-6390-0040120137.

Educaçom interpreta a austeridade à conveniência

REDACÇOM / A Conselharia da Educaçom está a fazer umha interpretaçom muito peculiar do conceito 'austeridade' que leva apregoando a Junta da Galiza desde que o Partido Popular assumiu de novo a Presidência. Segundo denunciam os principais sindicatos do ensino público, para o vindouro ano académico vai-se reduzir o investimento em diferentes epígrafes.

O primeiro sintoma foi o anúncio da supressom universal dos livros de texto, medida qualificada de «regressiva» polos sindicatos e associaçons de maes e pais, mas que o PP defendeu alegando 'austeridade'. O segundo, denuncia CIG-Ensino, a reduçom de professorado. A central nacionalista calcula que mais de 550 professores e professoras perderám a sua vaga no curso 2009-2010, provocando situaçons de docentes a lecionarem matérias nas quais nom estám especializados ou um aumento da rátio de alunado por docente.

Os sindicatos denunciam que se ponha por pretexto a austeridade para defender estas decisons quando, simultaneamente, o Conselho da Junta prorroga os concertos económicos com centros de ensino privados ligados ao Opus Dei e que segregam o alunado por sexos.

Novo decreto do galego

Além da reduçom de professorado, ainda há mais incertezadas para o ano académico que entra, e é que a Junta anunciou que para Setembro apresentará ao BNG e ao PSOE o rascunho do novo decreto sobre o uso do galego no ensino. Enquanto nom se aprovar a norma continuaria vigente o actual decreto, mas colectivos de docentes já se tenhem manifestado criticamente polo facto de ainda nom se lhes ter comunicado nada ao respeito faltando tam pouco tempo para o início do curso.

Governo do PP avança na privatizaçom dos serviços arremetendo contra a sanidade pública

REDACÇOM / O PP ordenou nos últimos dias a suspensom das 'peonadas' ou horas extraordinárias que pretendem estimular o superlotado sistema sanitário galego. O que poderia ser um avanço para as trabalhadoras e trabalhadores sanitários, procura na realidade desviar os pacientes para os centros concertados. A isto deve somar-se, segundo denunciou a Plataforma pola Defesa da Sanidade Pública na Galiza, o corte de fundos do governo de Feijó para o sistema público, junto com a paralisaçom de infraestruturas como o hospital de Lugo para favorecer as clínicas de pagamento.

Estas medidas enquadram-se dentro das políticas de privatizaçom dos serviços que a direita está a pôr em práctica em toda a Europa, seguindo os modelos americano e anglossaxom. No Estado espanhol há também exemplos de intrusom privada na saúde pública. Madrid e Valência estám a padecê-la desde há uns anos, com fortes cortes orçamentais no sistema em benefício de empresas privadas que, em troca da gestom dos centros públicos, tenhem que pagar umha quota mensal à Conselharia.

Igual que está a acontecer com o ensino universitário, a privatizaçom da saúde implicará o seguimento de critérios de rentabilidade no sítio dos assistenciais, para além de beneficiar as elites que se podem permitir pagamentos para receber umha atençom digna.

Repressom sindical em Povisa

REDACÇOM / O pessoal da clínica Povisa de Vigo protagonizou a 20 de Agosto umha concentraçom contra o despedimento de Consuelo Martínez, delegada da CIG e membro do Comité de Empresa, que se caracterizou pola sua beligerância contra a direcçom do centro nos diferentes actos reivindicativos convocados pola representaçom das trabalhadoras e trabalhadores.

Entendem que o despedimento procura meter medo entre o pessoal e que se trata de umha situaçom que viola a liberdade sindical. O sindicato aponta que o julgamento contra o despedimento poderia ter lugar em Outubro.

PP bloqueia possibilidade do parto natural no SERGAS

REDACÇOM / O parto natural continua a ser objecto de atençom por parte de muitas mulheres galegas, que demandavam este serviço em vários pontos do país. O Hospital do Salnês, que oferecia este serviço, viu como aumentava a procura em 10% no passado ano. De facto, neste centro sanitário já se praticárom no que vai de ano 622 partos seguindo este sistema, solicitado mesmo por maes de comarcas vizinhas. Também o Hospital de Cee, na comarca de Fisterra, oferecia a possibilidade até datas recentes.

Por palavras de Pilar Farjas, actual conselheira de sanidade, "a elevada procura acarretava uns gastos inassumíveis"

Continua a demoliçom da tímida obra legislativa do passado governo autonomista. Apenas eram ensaios e o governo dos populares cortou de raíz a possibilidade de implantar nos hospitais galegos umha outra alternativa para as mulheres grávidas. A alta procura de mulheres que registava este serviço foi, precisamente e para maior gravidade, a principal causa que a conselheira da Saúde, Pilar Farjas, argumentou em favor da sua desapariçom. Esta boa aceitaçom, segundo ela, dispararia o alto custo do serviço, inassumível polas precárias arcas autonómicas. Dessa maneira, frustram-se os projectos de parto natural ideados polo bipartido para os hospitais de Ourense e Burela.

Doravante, esta possibilidade de parto só será acessível para mulheres que contratarem umha parteira, o que se torna inassumível para pessoas com rendas baixas.

SLG prepara oposiçom ao "acordo insuficiente" sobre os preços do leite

REDACÇOM / O SLG manifestou publicamente o seu desgosto com o acordo assinado por JJAA (Jovens Agricultores) e UUAA (Unions Agrárias) em Madrid, que nom fôrom capazes de estabelecer uns mínimos satisfatórios para os interesses do sector do leite. Para o SLG, o acordo tem "intençom desmobilizadora", depois de meses de pressom intensa dos ganadeiros galegos nas ruas de várias cidades do país. Assim e todo, o sindicato esclareceu nas páginas do seu vozeiro que a própria constituiçom de umha mesa de diálogo "nom pode conceber-se sem o trabalho mobilizador e constante desenvolvido ao longo deste ano, continuando assim umha linha mobilizadora de três décadas de antigüidade".

A organizaçom nacionalista, porém, preferiu nom precipitar-se na sua dinámica de trabalho, e por isso está a planificar umha completa iniciativa baseada nas assembleias comarcais. Entre os dias 14 e 26 de Agosto, o SLG convocava um total de 21 assembleias comarcais, especialmente importantes naquelas bisbarras do país onde a economia baseada no leite tem um maior peso. Nas próximas datas conhecerá-se o alcance das decisons tomadas.

CRONOLOGIA

◆ 11.07.2009

Plataforma *Galicia, Mellor Sen Touradas* manifesta-se em Negreira contra a realizaçom de umha 'capeia' nas festas.

◆ 12.07.2009

Mais de 300 pessoas manifestam-se na Corunha pola dignidade da populaçom imigrante, convocadas pola associaçom de senegaleses Aseser-Terang.

◆ 13.07.2009

Começa a "semana branca" com tractoradas em Lugo e Compostela.

◆ 14.07.2009

Sala do Penal do Tribunal Supremo espanhol confirma sentença contra Ugio Caamanho e Giana Rodrigues.

◆ 15.07.2009

J.C.D.M., motorista de Sárria de 42 anos, morto ao capotar o seu camiom em Requeixo (Berço).

◆ 16.07.2009

Manuel Jove compra a Gamesa três parques eólicos em Mondonhedo, Ponte Nova e Monfero.

◆ 17.07.2009

Um homem assassina à cuitelada na Corunha a sua companheira sentimental, Maria Luz Tapia.

◆ 18.07.2009

Louseira Ultransa-A Campa propom um ERE de um dia por semana durante um ano.

◆ 20.07.2009

Guarda civil detém com violência dezesseis pessoas em Cangas polos protestos contra o porto desportivo, incluindo a vereadora Maruchi Álvarez e o porta-voz do Foro Social Tiago Pérez. Detidos denunciam torturas e vexaçons.

◆ 21.07.2009

Derrame sobre o rio Rons mata centenas de truitas e enguias.

NOVAS DA GALIZA
15 de Agosto a 15 de Setembro de 2009

◆ 22.07.2009

Trabalhadoras afectadas polo ERE de Treves fecham-se no salom de plenários da Deputaçom de Ponte Vedra para exigir reunir-se com o presidente, Rafael Louzán.

◆ 23.07.2009

Policía espanhola fai explodir um engenho explosivo frente a umha sucursal de Caixanova no bairro viguês do Calvário.

◆ 24.07.2009

Violência policial contra as manifestaçons da AMI e Briga na noite da véspera do Dia da Pátria. Um militante desta última organizaçom acaba com o nariz partido polos agentes.

◆ 26.07.2009

Governo espanhol abre um expediente relacionado com as denúncias que vinculam o delegado da Junta no Uruguai, Manuel Barros, com a pesca ilegal.

◆ 27.07.2009

Autoridade Portuária de Vigo começa a licitaçom para a ampliaçom do cais do Areal, umha obra que deitará 50.000 metros quadrados de recheio sobre a ria.

◆ 28.07.2009

Ecologistas em Acçom situa 56 bandeiras e 103 pontos negros na costa galega como medida simbólica com a que denunciar o deterioro ambiental do litoral.

◆ 29.07.2009

Tribunal de Vigo condena Francisco Javier Suárez Romas e Roi Lamas Oya, grevistas do metal em 2007, a 18 meses de cadeia, 1.120 euros de multa e outros 4.008 em solidariedade por desordens públicas, danos e lesons.

◆ 30.07.2009

Junta autoriza o projecto do parque de tecnologia alimentar de Mougás, promovido por Insuíña, apesar de que o TSJG ordenara a demoliçom do mesmo.

Manuel Martin, médico de família e porta-voz da Plataforma para a Defesa da Sanidade Pública.

"Nom vamos permitir que Feijóo privatize a atençom sanitária, um Hospital nom deve ser gerido por umha construtora"

ALONSO VIDAL / Quigemos falar com este médico progressista, pioneiro na implantaçom da medicina familiar e comprometido com a sanidade pública. É portavoz nacional da Platafotma para a Defesa da Sanidade Pública, ente que ele mesmo impulsionou inicialmente.

Como surge a Plataforma?
Num primeiro momento, nos tempos da transiçom, surgiram a nível estatal pola necessidade de pressionar para que o modelo sanitário a construir fosse gratuito, público, universal e descentralizado, baseando-se num modelo similar ao do Reino Unido. Naquela altura havia perigo de que se configurasse fundamentalmente sob o guarda-chuva da iniciativa privada.

Integra diversos sectores sociais...
Os profissionais demo-nos conta de que a capacidade de pressom, resposta ou mobilizaçom do nosso sector é francamente limitada. Por isso, precisamos da unidade de acçom entre os profissionais progressistas da sanidade e os diversos sectores sociais; sindicatos de classe, que defendem a classe trabalhadora (insisto, de classe, nom coorporativos) e representantes vicinais. Só juntos podemos defender o sector público.

Já nos últimos anos, tivestes protagonismo em Vigo...
Nos anos 80 os hospitais públicos estavam em muito más condiçons e um hospital privado como POVISA foi capaz de condicionar o desenvolvimento sanitário do Sul do país. Conseguiu algo tam insólito como que toda umha área sanitária tam populosa como a do Morraço ou bairros populares de Vigo como o de Cóia ou todo o Vale Minhor ficassem adscritos sem mais a umha entidade privada, mediante um concerto singular que deve ser único na Europa.

Das urgências, de POVISA fundamentalmente e do MEDTEC, passamos a envolver-nos também noutros aspectos ligados à assistência sanitária: as fundaçons sanitárias, os problemas dos novos hospitais, a atençom primária e sociosanitária, historicamente abandonada até o governo anterior...

Que acontece com o novo hospital de Vigo?
O governo anterior deixou planificada a construçom através da Sociedade Pública de Investimento, com o que garantia a titularidade e gestom pública. Infelizmente, o bipartido foi timorato nas reformas e neste caso nom foi o suficientemente audaz para deixar já as licitaçons feitas. O PP paralisou a construçom com afáns claramente privatizadores. Vam meter as tesouras às dimensons e ao número de lugares disponíveis, para que POVISA continue a ter as suas 400 camas. Por outro lado, a sua construçom agora demorará-se mais três ou quatro anos, no melhor dos casos.

E financia-se...
Isso é o mais grave. Fará-se através da financiaçom privada. O Hospital será construído por umha uniom de empresas. Umha empresa construtora, umha asseguradora privada, provavelmente POVISA, e umha ou várias entidades bancárias. Esta sociedade gerirá a parte nom sanitária durante 30 anos de forma empresarial, com o qual o que contará vai ser o lucro. Assim, o preço final do Hospital verá-se multiplicado na práctica seis ou sete vezes. A ideia vai lucrar empresários da construçom, do tipo do conhecido Telmo Martin, que na prática serám os donos dos hospitais. Em Ponte Vedra vai acontecer o mesmo: paralisa-se a reforma de Montecelo e provavelmente reduzirám-se dimensons.

Seguindo o controverso modelo madrileno?
Claramente: hospitais reduzidos com poucos profissionais médicos, muito fragmentados e propriedade das grandes construtoras. O que prima é o lucro e nom a atençom sanitária pública. Se reduzir serviços der mais ganho empresarial, fará-se.

Também se paralisam os polémicos turnos da tarde para a reduçom de listas de espera...
Trata-se de outra estratégia. A partir de um relatório do Conselho de contas em que se afirmava que havia certos abusos no sistema, o novo governo obviou a necessidade da utilizaçom do período das tardes para aproveitar ao máximo os serviços de cirurgia, os radiológicos ou os de laboratório. Estas "peonadas", corrigidos os abusos, contribuíram para reduzir significativamente as listas de espera em todas as áreas sanitárias. O Hospital Dominguez, privado, já deixava de receber pacientes públicos. Certo que se poupa dinheiro, mas aumentarám as listas de espera que se desviarám intencionadamente aos hospitais privados. É umha clara privatizaçom da actividade sanitária.

Por outra parte havia um acordo já assinado com os sindicatos em que se recolhia a hipótese de dedicaçom exclusiva com trabalho voluntário às tardes; nom através de horas extras, mas com aumento do salário efectivo do trabalhador sanitário, independentemente das horas realizadas.

O que vai fazer a plataforma?
Nom vamos tolerar que se privatize. Já nos estamos mobilizando. Temos secçons por todo o país e contamos com o apoio de associaçons, sindicatos de classe e partidos políticos da oposiçom ao PP. As pessoas sabem, por exemplo, que um Hospital nom deve ser gerido por umha empresa construtora. Mostraremo-nos contundentes perante a diminuiçom dos nossos direitos e prestaçons para favorecer interesses particulares.

ERRATA

- Na notícia do número anterior referente ao serviço telefónico do 065 a empresa aludida é Eurocen Extell (nom Excell, como aparecia) e o seu horário teórico de atençom é de 8 a 20h.

NOVO PLANO EÓLICO ABRE A PORTA A MAIS AGRESSONS AMBIENTAIS

REDACÇOM / A Associaçom para a Defesa Ecológica da Galiza (ADEGA) denunciou que a derrogaçom do plano eólico do bipartido e a sua substituiçom por um outro desenhado polo PP abre a porta a novas agressons ambientais.

O colectivo ambientalista avalia a derrogaçom como umha regressom, e critica especialmente que desapareça qualquer mençom à exclusom dos parques eólicos nas Zonas de Especial Protecçom, nos Lugares de Interesse Comunitário ou na Rede Natura. A ADEGA também denuncia que as instalaçons de redes de alta tensom eléctrica, necessárias para a evaquaçom da energia, nom fôrom consideradadas no momento de se fazerem as avaliaçons ambientais.

Ainda, a associaçom rejeita a «ingénua crença» da Federaçom Ecologista Galega (FEG) por crerem que a revisom do decreto eólico trará algum respeito polos espaços protegidos, sendo que isto nom figura no prego de intençons novo Decreto.

Voltam a excluir o NOVAS DA GALIZA das ajudas aos meios de comunicaçom em galego

REDACÇOM / Minho Media, SL., empresa editora deste jornal, um dos poucos que se expressa única e exclusivamente em galego, incluindo qualquer tipo de anúncio ou inserçom publicitária, foi excluído da atribuiçom de "ajudas dirigidas a empresas que realizam publicaçons periódicas integramente em galego". Além de pretextos burocráticos, na notificaçom de 27 de Julho, responsabilidade da Secretaria Geral de Meios, afirma-se que a razom da exclusom é o facto de "nom estar escrita integramente em galego conforme a normativa oficial vigente, segundo informe da Secretaria Geral de Política Lingüística". A Junta volta a ignorar que nom existe nengumha lei que obrigue os cidadaos a usarem umha determinada norma lingüística, sendo a oficialidade da normativa pertinente só para o ensino e a própria administraçom, que, curiosamente, desrespeita a sua norma lingüística em múltiplas ocasions. Como já temos informado nestas páginas, a exclusom do NOVAS DA GALIZA nom se limita a esta convocatória pública, sendo afastado também da arbitrária distribuiçom de publicidade institucional ou de qualquer possibilidade de assinar convénios com a administraçom para a promoçom do galego. Desta maneira, o dinheiro destinado à normalizaçom lingüística costuma acabar financiando meios de comunicaçom escritos maioritariamente em castelhano, como La Voz de Galicia ou ABC. Um exemplo, só no segundo trimestre do ano passado, a imprensa escrita em espanhol conseguiu meter nos seus cofres 20% dos 2.936.439 euros dos convénios destinados à promoçom do galego.

Feijóo nom dá trégua ao galego

Por outro lado, o novo governo continua com a sua política de 'terra queimada' para eliminar qualquer vestígio da tímida política galeguizadora do bipartido. As 'galescolas', denominaçom tirada pola Junta anterior de um projecto educativo reintegracionista receberám a partir de agora o nome de 'A Galinha Azul'. A teórica política de contençom orçamentária do novo governo nom encontra problemas para substituir todo o material que continha a marca 'galescola' com tal de limpar qualquer rasto de galeguidade deste projecto pedagógico e assistencial.

Berzo quer ver TVG

Por seu turno, a associaçom berciana Fala Ceive exigiu que a Junta de Castilla e a Junta da Galiza assinem um convénio com a Junta para poder continuar a ver a TVG na comarca. Se isto nom acontecer, a nova TDT poderia deixar sem emissons em galego as comarcas orientais galegas.

◆ 31.07.2009

Morre um operário em Vila Boa sepultado por um desprendimento de terras.

◆ 01.08.2009

Mais de 4.000 pessoas manifestam-se em Cangas contra a construçom do porto desportivo na antiga conserveira de Massó.

◆ 02.08.2009

Indigente de 40 anos é assassinado no Inferninho (Ferrol).

◆ 03.08.2009

Assembleia de trabalhadores aprova ERE de Caramelo, que prevê 237 despedimentos, contra a opiniom da CIG, maioritária no comité de empresa. O sindicato qualifica o facto como "agressom".

◆ 04.08.2009

Vizinhança de Cangas atira ovos aos directivos de Marina Atlántica, promotora do porto desportivo, e retém-nos durante duas horas na Casa do Concelho.

◆ 06.08.2009

Governo galego aprova concertos educativos, incluindo de novo os cinco centros que segregam por sexos. CIG e CCOO anunciam que recorrerám da decissom.

◆ 07.08.2009

Vizinho de 76 anos de Coristanco mata a sua mulher de um forte golpe no peito, causando a quarta morte por violência machista na Galiza no ano 2009.

◆ 09.08.2009

Incêndio em Boiro arrasa 11 hc.

www.inovagaliza.com
|desenho|comunicaçom|publicidade|

inova

NOVAS DA GALIZA
15 de Agosto a 15 de Setembro de 2009

INTERNACIONAL

HONDURAS: O IMPÉRIO MUDA AS ESTRATÉGIAS, NOM OS OBJECTIVOS

DUARTE FERRIN

Em 28 de Junho de 2009, militares hondurenhos seqüestrárom o presidente Manuel Zelaya e levárom-no para a Costa Rica. Naquela manhá, o Congresso cessou Zelaya, apesar da ausência de legislaçom para isso, e designou Roberto Micheletti como 'Presidente da República'.

Em 30 de Junho, emitiu-se um 'toque de recolher' restringindo os direitos constitucionais. A repressom é sistemática e brutal. Há graves violaçons dos direitos humanos, assassinatos, feridos e torturados pelas forças armadas; milhares de detençons arbitrárias, ameaças múltiplas e restriçom da liberdade de expressom, informaçom e circulaçom.

Zelaya era um político de direita quando ganhou as eleiçons em 2005. Mas, como presidente, começou a tomar medidas em apoio do seu povo, o mais pobre da América depois do Haiti. Meteu Honduras no Petro-Caribe e a Alba (Aliança Bolivariana das Américas). Procurou garantir o controlo público das telecomunicaçons, que estavam nas maos de uns poucos empresários. Aprovou a abertura de umha investigaçom sobre as pessoas desaparecidas durante a passada ditadura. E, o mais importante, pretendia consultar o povo para escolher umha Assembleia Constituinte e poder mudar a Constituiçom, instaurada pola última ditadura militar, tornando a democracia hondurenha mais participativa.

Estas acçons fôrom aplaudidas polo povo, mas aterrorizárom a oligarquia, que tem o poder económico, o controlo dos meios e que desfrutava de muitos privilégios.

Nos EUA viu-se como muito perigoso o acontecido nas Honduras com Zelaya, e temeu-se que os recursos da regiom pudessem ficar "nom disponíveis", já que até agora as suas transnacionais se tenhem beneficiado durante décadas de concessons fiscais por parte do governo das Honduras, acumulando lucros multimilionários.

Opositor a Micheletti encontrado morto a poucos metros dum posto de controlo militar

Umha nova Constituiçom poderia fechar a base militar dos EUA nas Honduras, a única na América Central, de grande importáncia estratégica, umha base que tem sido o centro de actividades militares e repressivas desenvolvidas polos EUA em toda a regiom.

Assim, foi lançada a nova metodologia para os golpes. Um novo golpe, formalmente diferente do tradicional, que é liderado por civis, com a conivência, muitas vezes dissimulada, dos militares. Viola-se a Constituiçom com, aparentemente, menor violência. Simula-se proteger a ordem institucional mantendo em funcionamento os poderes legislativo e judicial, removendo o executivo, a fonte da discórdia, e apresentando como objectivo a soluçom de um problema pontual em vez de umha mudança para umha nova ordem. Outros exemplos som os golpes de estado no Equador em 1997 e 2000, o fracassado na Venezuela em 2002, no Haiti em 2004, e agora nas Honduras.

Ainda que Obama se distancie do golpe, este nunca teria ocorrido nem teria sido sustentado sem o apoio e a bênçom de Washington.

Os EUA estám envolvidos no golpe através de umha rede de agências que canalizam fundos e treinam grupos contrários ao governo. O Fundo Nacional pola Democracia (NED) e a Agência dos EUA para o Desenvolvimento Internacional (USAID) ajudam a financiar organizaçons de extrema-direita que apoiárom o golpe, incluindo o Movimento para a Paz e Democracia e a Uniom Democrática Civil. Muitos dos oficiais que seqüestrárom Zelaya foram treinados polo Instituto Hemisférico Ocidental para a Cooperaçom de Segurança, a antiga "Escola para as Américas", pola qual passárom torturadores e golpistas de todos os países latino-americanos.

O golpe nas Honduras é um passo à frente na luta contra o governo da Venezuela e para o controlo da regiom.

A Colómbia, que é a plataforma militar dos EUA na regiom, acaba de dar luz verde para a instalaçom no seu território de quatro novas bases militares dos EUA. Fôrom aplaudidas polo Estado espanhol, o que é um claro posicionamento do PSOE no conflito, umha vez que estas bases tenhem como objectivo reprimir os movimentos sociais de esquerda e voltar a apoderar-se dos recursos naturais da zona.

Depois do golpe, os EUA impugérom a mediaçom do presidente da Costa Rica, Óscar Arias, reconhecendo aos golpistas o mesmo nível que o legítimo governo das Honduras. Esta mediaçom tem aberto a possibilidade de que Zelaya volte às Honduras com a condiçom de nom alterar a Constituiçom, que é o que os golpistas desejam. Pressionam para assinar um acordo que favorece os golpistas, enquanto tentam ganhar tempo até a data das eleiçons, para que nom se poda apresentar Zelaya.

Os golpistas nom contavam com a mobilizaçom popular, com a auto-organizaçom do povo, mais unido que nunca, que está nas ruas. Mais de umha centena de organizaçons, agrupadas no Frente Nacional de Resistência Contra o Golpe de Estado das Honduras, reclamam a restituiçom de Zelaya e exigem umha nova Constituiçom. Demandam umha nova sociedade baseada na solidariedade e na justiça, e nom nos privilégios e o dinheiro.

ALÉM MINHO

O princípio da dissidência

NUNO GOMES LOPES / Convenhamos, a aparente bonomia do coloquial 'tudo bem?' é apenas um convencionalismo social, um leve toque de hipocrisia que nos alegra as manhãs. O que inicialmente nos pode parecer uma inquirição não é mais que uma interjeição, quase que um bocejo, não sendo muito diferente de dizer 'olá', 'xau' ou 'até logo'. Qualquer interlocutor se surpreende quando a nossa resposta a tal dito se assemelha a 'pá, ando doente' ou 'não, estou na merda'. Primeiro porque como acham que 'tudo bem?' não é uma pergunta, não esperam resposta; segundo porque muitas das vezes não é o nosso bem que lhes interessa, mas antes esta 'harmonia' social, esta descarada indiferença que cada vez nos distancia mais. Orwell dizia, ao longo do seu inesgotável 1984, que 'guerra é paz', 'liberdade é escravatura' e 'ignorância é força'. Os nossos costumados 'deixa lá' e 'a vida é mesmo assim' são como encolheres de ombros à realidade, e o mundo doentio e controlado de Orwell reinventa-se e ganha força em todos esses nossos lugares-comuns quotidianos.

O confronto (não social, mas de ideias) deveria ser a base da nossa sociedade, estimulada pelos governos, tesouro nacional. E não restam dúvidas que a competição e o conhecimento são premissas da evolução e desenvolvimento humanos. O que vemos em muitas das sociedades modernas (nas quais, Galiza e Portugal, nos incluímos) é que a discussão de ideias, o direito de divergir e a diferença são muitas vezes encarados como 'entraves ao desenvolvimento'. Se um governo estipula certa política como a porta do sucesso, quem ousar definir-se como contrário a essa política é um 'inimigo do sucesso'; se uma obra pública é escolhida como a solução para determinado problema e alguém se insurge e questiona a real validade desse problema (ou se essa obra é de facto a solução), esse alguém não é mais que um amigo do subdesenvolvimento.

Podem dizer-nos que não censurar a China pelos recorrentes atentados aos direitos humanos é uma vantagem comercial. A China é grande de mais economicamente e nós pequenos de mais para que possamos mostrar a nossa dissidência. O que ganharíamos com essa birra? Honra, valor? Nada disso. O que nos falta é dinheiro. E está um Mundo definido.

REPORTAGEM

Empresas informativas próximas do BNG despedem pessoal por falta de fundos após a derrota do bipartido

GZNACIÓN E VIEIROS DEIXAM NA RUA TRABALHADORES E TRABALHADORAS DEPOIS DA VITÓRIA ELEITORAL DO PARTIDO POPULAR

Dez despedimentos de dous quadros de pessoal que somavam trinta e um trabalhadores e trabalhadoras era a proposta com que a Vieiros e a sua empressa irmá, a Acordar, dedicada à criaçom e gestom de paginas web, apresentavam em Julho umha reformulaçom ao seu pessoal. Segundo a versom dada aos empregados e empregadas, ambas as empresas acumulavam umha déveda com a Fazenda e a Segurança Social espanholas de mais de seiscentos mil euros. Por outra parte, Gznación, meio vencelhado ao BNG, abandonava justo após as eleiçons a ediçom mensal em papel que geria com o Movimento polos Direitos Civis, extinguindo o contrato de quando menos umha trabalhadora e deixando mais à vista a dependência do dinheiro publico da sua empressa matriz, a Carrumeiro Media SA.

XOÁN R. SAMPEDRO / Em 13 de Julho o Sindicato de Jornalistas da Galiza (SJG) e a Central Unitária de Trabalhadores (CUT) emitiam dous comunicados a denunciarem a intençom de Lois Rodriguez, proprietário da Vieiros e da Acordar, de despedir ou de nom renovar o contrato dum terço do pessoal assalariado nas duas empresas. Nos termos da proposta do empresário ficariam na rua três dos nove empregados da Vieiros, bem como sete dos vinte e dous da Acordar, segundo denunciou na altura o comunicado da CUT. Além do mais, os trabalhadores que continuassem nas empresas sofreriam umha reduçom salarial.

A razom principal recai, na versom dada aos trabalhadores, numha má gestom que teria dado nas dévedas indicadas com a administraçom, e que já vinha sendo esgrimida para o adiamento generalizado dos salários e pagas extraordinárias. No início de Agosto, todos os empregados estavam à espera de receber os salários polos meses de Junho e Julho, e mais a paga extraordinária de Junho, déveda que nalguns casos era ainda maior.

Mas, o que torna especialmente preocupante essa má situaçom económica é o facto de os rendimentos da Vieiros terem medrado de forma considerável nos últimos anos, através de fontes privadas e, sobretodo, públicas; assi o assinalam os comunicados de ambos os sindicatos, apontando que essa má gestom nom foi denunciada de maneira oficial. Neste ponto som de salientar os trabalhos realizados por estas empresas mediante convénios com Conselharias da Junta, e em especial, com aquelas geridas polo BNG. Estes trabalhos teriam proporcionado umha facturaçom consideravelmente superior à que as empresas apresentavam antes da chegada ao poder do bipartido.

Apesar de tê-lo ocultado nas suas ediçons, Carrumeiro Media SA é a empresa que paga os salários e colaboraçons de Gznación. Na ediçom em papel apresentavam como empresa editora a sociedade Novidades En Movemento SL

Gznación, o meio 'da casa'

O caso da GzNacion.com é diferente. Como já informava o número 70 de NOVAS DA GALIZA, este portal digital nascido em Dezembro de 2006 e a ediçom em papel (já inexistente) som dependentes da Carrumeiro Media SA. A empresa era constituída em 2001 por Alberte Ansede, logo secretário de organizaçom do BNG e assessor da Direcçom-Geral da Politica Lingüística, Xoán Manuel Bazarra, que seria nomeado chefe de gabinete na Conselharia da Inovaçom e da Indústria, e Alberte Soto, secretário-geral da Conselharia do Meio Rural com o bipartido. Os três abandonariam a empresa em Outubro de 2006, quando já ocupavam os ditos cargos e justo antes de a Carrumeiro Media começar a realizar trabalhos para as Conselharias controladas polos nacionalistas. Esses contratos fôrom denunciados por diversas vozes e teriam revertido em mais dum milhom de euros para a empresa entre 2006 e 2009.

> Na proposta do empresário ficariam na rua três dos nove empregados da Vieiros, bem como sete dos vinte e dous da Acordar

Foi dous meses depois de os fundadores abandonarem a Carrumeiro que nascia GzNacion.com na rede, com a vocaçom de vir a ser o meio de referência do BNG, e umha linha editorial marcada em última instância polo gabinete de imprensa dessa organizaçom. No número referido de NOVAS DA GALIZA, noticiava-se o facto de a Gznacion.com ter a redacçom no mesmo local que é sede social da Carrumeiro, ao mesmo tempo que os salários dos redactores som pagos pola empresa. Ora bem, esta ligaçom empresarial nom aparece às claras na web, vulnerando a legislaçom vigente sobre publicaçons electrónicas. Ademais, até há dous messes, Aleixo Vilas Castro, responsável do Gabinete de Estudos Económicos do BNG, fazia parte do conselho de administraçom da Carrumeiro Media, como Gonzalo Castro Prado, vozeiro municipal da organizaçom em Ordes.

No Verao passado, a aposta dos nacionalistas neste meio completava-se com o *Gznación En Movemento*, um mensal em papel editado conjuntamente com o Movimento polos Direitos Civis (MPDC) e coordenado por Renato Núñez, ex-responsável de organizaçom do BNG em Compostela e vozeiro do MPDC. Umha outra empresa, Novidades En Movemento, seria a encarregada cara fora da ediçom do mensal, mentres os salários continuavam a provir da Carrumeiro.

A ligaçom e dependência desta rede empresarial a respeito do dinheiro público tornava-se mais evidente, se possível, com a desapariçom dessa ediçom em papel. Se bem em Fevereiro o MPDC difundia na sua web umha nova a gabar-se dos 52.000 exemplares editados cada mês, e anunciava que no mês seguinte a OJD espanhola começaria a auditar a difusom dum meio que se consolidava, nas suas palavras, "como umha voz forte e independente dentro do panorama editorial do País", pouco ia durar essa satisfaçom. Poucos dias logo de o bipartido perder as eleiçons, a empresa comunicava aos seus empregados o fechamento dessa ediçom em papel com a conseguinte extinçom dum contrato, quando menos, derivada dessa encerramento.

CENTROS SOCIAIS

Aguilhoar Sta. Marinha · Ginzo de Límia
Arrincadeira C. Histórico · Riba d'Ávia
Artábria Trav. Batalhons · Ferrol
LSO Atocha Alta 14 Monte Alto · Corunha
Atreul S. José · Corunha
Aturujo Principal · Boiro
Baluca Vermelha Redondela · Ponte Areias
A Casa da Triga P. Maior · Ponte Areias
A Cova dos Ratos Romil · Vigo
A Esmorga Telheira · Ourense
Faísca Calvário · Vigo
Fervesteiro Adám e Eva · Ferrol
A Formiga Redondela
A Fouce de Ouro Bertamiráns · Ames
O Fresco Bº da Ponte · Ponte Areias
Gomes Galoso Monte Alto · Corunha
O Guindastre Xulián Estévez, Teis - Vigo
Henriqueta Outeiro Quir. Palácios · Compostela
Módia Leva Amor Meilám · Lugo
SRCD Palestina Rua do Ril · Burela
O Pichel Sta. Clara · Compostela
A Revira Arc. Malvar · Ponte Vedra
A Revolta Rua Real · Vigo
Setestrelo Perez Viondi, 9 · Estrada
Som um cam Rua do Vilar, 9 · Ourense
Tarabela Donramiro, 17 · Lalim
A Tiradoura Reboredo · Cangas
CS VagaLume R. das Nóreas, 5 · Lugo

NOVAS DA GALIZA
15 de Agosto a 15 de Setembro de 2009

REPORTAGEM

Portugal celebra o oitenta aniversário do mais galego dos cantores lusos: José Afonso

A GALIZA QUE "LHE DEU GUARIDA", COMO SALIENTA O MANIFESTO DA COMEMORAÇOM, TAMBÉM TERÁ O SEU PROTAGONISMO

Portugal celebra, desde o dia 2 de Agosto, a vida e a obra do Zeca Afonso, nascido há oitenta anos na vila portuguesa de Ílhavo, perto do Aveiro que o viu crescer. A iniciativa, ideada polo núcleo do Norte da Associaçom José Afonso (AJA), mas organizada por dezenas de colectivos, vai prolongar-se durante um ano, até o dia 1 de Agosto de 2010, e leva por nome '80 anos de José Afonso'. O mote tem a sua explicaçom. Polas palavras de Paulo Esperança, dirigente da AJA e membro do núcleo do Norte, nom se trata de "cantar os parabéns ao Zeca no dia dous de Agosto, porque o Zeca já está enterrado em Setúbal. Queremos celebrar que temos o Zeca connosco há 80 anos, e por isso dizemos '80 anos de Zeca' e nom '80 anos do Zeca'". A Galiza que "lhe deu guarida", como salienta o manifesto, também terá o seu protagonismo. Nom podia ser de outro modo, sendo tal o amor que por esta terra sentiu o 'poeta, andarilho e cantor'.

EDUARDO MARAGOTO / A Gentalha do Pichel é umha das quase quarenta entidades que figuram como assinantes do manifesto que comemora os '80 anos de Zeca'. Ao longo dos últimos meses, este centro social já recebeu duas visitas de membros da AJA-Norte, na festa do 25 de Abril que se fijo no 10 de Maio, e por ocasiom do Dia da Pátria. Em ambos os dias, o espectáculo musical oferecido polos portuenses, acompanhados por galegos o 25 de Julho, prolongou-se até as tantas, com galegos e portugueses a trautear cada música do José Afonso, um autor que move verdadeiras paixons tanto em Portugal como deste lado da fronteira. Por isso, é previsível que ao longo do ano venham a unir-se mais associaçons de aquém-Minho. A forma de participar é tam simples como ir fazendo cousas com o Zeca de protagonista, levando esta figura à rua, do ponto de vista que cada colectivo entenda. Na organizaçom já se envolvêrom sindicatos, coperativas culturais, cafés, grupos teatrais e musicais e até escolas que pretendem aproveitar didacticamente a enorme qualidade dos textos das músicas do Zeca.

Na imagem da direita o Zeca num concerto na Corunha, com Xico de Carinho à harmónica. Noutro concerto na Galiza, em Compostela, foi cantada pola primeira vez a mais conhecida música do cantor português: 'Grándola, vila morena'

"Aqui nom me sinto só"

A relaçom do Zeca com a Galiza teceu-se através de fortes amizades geradas ao redor da chamada música de intervençom. Benedicto ou Bibiano fôrom algumhas das pessoas que acompanhárom o Zeca nas viagens e concertos em que participou na Galiza. Num deles, em Compostela, perto do lugar que em Maio foi baptizado 'Parque José Afonso', foi cantada pola primeira vez a mais conhecida música do cantor português: 'Grándola, vila morena', utilizada como senha para o golpe militar do 25 de Abril anos mais tarde. Foi precisamente Bibiano quem apresentou o Xico de Carinho ao Zeca num recital em Paris, em 1971. Para o Xico, que chegou a visitar o Zeca em duas ocasions na vila em que residiu nos últimos anos da sua vida, Azeitão, as amizades dérom passo a umha grande "identificaçom com a cultura e o idioma galego" que o Zeca tentava explicar no seu país:

> Di o Xico de Carinho que as amizades dérom passo a umha grande "identificaçom com a cultura e o idioma galego" que o Zeca tentava explicar no seu país: "Há umha grande confusom em Portugal sobre a Galiza. Estou farto de explicar por todo o lado que nom é Espanha"

"Há umha grande confusom em Portugal sobre a Galiza. Estou farto de explicar por todo o lado que a Galiza nom é Espanha". Esta identificaçom levaria-o a compor umha das mais belas melodias do seu repertório: 'Achega-te a nim, Maruxa', tirada do cancioneiro limiao. Em Agosto de 1985, no parque de Castrelos de Vigo, realizou-se o concerto-recital 'Galiza ao José Afonso', umha das mais emotivas homenagens que recebeu o cantor português, já gravemente doente na altura.

"O triángulo mágico do Zeca foi: África, Portugal e a Galiza"

PAULO ESPERANÇA, DA DIRECÇOM DA AJA E MEMBRO DO NÚCLEO DO NORTE

O Zeca ficou mais conhecido na Galiza que outros cantores igualmente amantes desta terra, como o Adriano Correia de Oliveira...

O Zeca tinha umha capacidade de comunicaçom com as pessoas muito grande. Além disso, teve a possibilidade, por intemédio nomeadamente do Benedito, de ter as portas abertas para cantar na Galiza. Isto não quer dizer que o Adriano nom seja um dos cantores incontornáveis da música de intervençom, muito tendo contribuído para "avisar a malta". O Zeca nunca existiria sozinho.

Continua a ser o principal vínculo musical entre a Galiza e Portugal?

Nom é bem assim. Hoje já há homens e mulheres em Portugal, que som do tempo do Zeca e mais novos, que tenhem umha grande vinculaçom à Galiza: Vitorino, Janita Salomé, Filipa Pais, João Afonso... O Zeca deixou um legado importantíssimo, mas já há muitos portugueses que vam cantar à Galiza e que se situam um pouco na área da intervençom musical do Zeca. O problema é ao contrário: a Uxia, os Milhadoiro ou a A Quenlha som conhecidos por um leque muito reduzido de pessoas em Portugal e as pessoas de uma faixa acima dos 60 anos lembram-se dos Fujam os Ventos, e pouco mais.

Ultimamente a AJA, em especial o núcleo do Norte, tem andado muito por terras galegas...

Isto surge de umha ligaçom que alguns membros da AJA tenhem à Galiza e até porque havia gente, que canta e toca no núcleo do Norte, que nom fazia ideia de como era o ambiente galego. O concerto que a AJA deu na Gentalha do Pichel marcou as pessoas pola afectividade e pola forma como houvo umha reacçom aos textos ditos. Nós gostamos de ir a qualquer terra que fosse marcante para o Zeca e só nom vamos a África porque nom podemos; é o triángulo mágico do Zeca: África, Portugal, Galiza.

ANÁLISE

Multiplicam-se os despedimentos massivos, com 584 casos autorizados pola Junta em cinco meses

CRESCE A APROVAÇOM DE EXPEDIENTES DE REGULAÇOM DE EMPREGO COM O PRETEXTO DA CRISE ECONÓMICA

Com a intensificaçom da crise económica observa-se também o aumento da figura dos expedientes de regulaçom de emprego (EREs), que numha definiçom rápida som aqueles processos para proceder ao despedimento colectivo de trabalhadoras e trabalhadores. Os números, secos e contundentes, evidenciam que os 'gromos verdes' nom chegárom à Galiza.

HELENA IRÍMIA / Entre Janeiro e Maio deste ano autorizárom-se no nosso país 584 EREs, quase seis vezes mais que no mesmo período de 2008. Ainda, esta quantia ultrapassa também a do ano passado na íntegra (478), assim como os de 2001, quando se deu luz verde a 608 processos.

Estes 584 EREs afectam um total de 11.229 trabalhadores e trabalhadoras, volume quase treze vezes superior à do período Janeiro-Maio do ano passado, e quase o duplo de 2008 na íntegra, quando se autorizárom 6.801 regulaçons massivas de emprego. Haveria que somar o número de pessoas afectadas dos três anos anteriores (13.018) para ultrapassar –e nem muito– o que leva andado 2009.

Nove em cada dez pessoas afectadas por um ERE acolhêrom-se - ou fôrom forçadas a fazê-lo - a medidas de suspensom temporária do seu contrato. O resto (3,69%) vírom reduzida a jornada de trabalho –geralmente acompanhada por umha descida na produçom empresarial, como nalgumhas empresas da automoçom– ou, em último caso, finalizou a sua relaçom contratual (5,43%, 610 pessoas), quer por despedimento ou pré-jubilaçom.

Ainda, sete em cada dez trabalhadoras e trabalhadores incluídos num ERE tinham ou tenhem seu posto de trabalho na província de Ponte Vedra. Seguem-lhe a da Corunha com perto dos 20% e finalmente as do interior, que em conjunto somam algo menos dos 12%.

Trabalhadoras da Caramelo queimam peças de roupa em protesto polo ERE na sua empresa

Despedimentos

Como apontámos acima, entre Janeiro e Maio deste ano perdêrom o posto de trabalho 610 pessoas por se verem imersas num despedimento colectivo. No mesmo período de 2008 a número foi algo menos de metade, 'só' 267 trabalhadores e trabalhadoras, e esse ano finalizaria com quase mil pessoas despedidas utilizando o ERE. Por sua parte, em 2007, ano pré-crise, o total de trabalhadoras e trabalhadores despedidos mediante esta figura foi de 779.

Durante estes primeiros cinco meses do ano o pior foi Fevereiro, mês no qual se produzírom algo mais de metade dos EREs de todo o período. Dinámica similar experimentou-se em 2008, no qual destacárom na estatística negativa Fevereiro e sobretudo Outubro e Dezembro.

E se antes dizíamos que os 70% das pessoas afectadas por um ERE trabalhavam na província de Ponte Vedra, similar incidência tivérom os despedimentos, pois nela registárom-se os 64%. Temos de lembrar que esta província é a mais atingida pola crise do sector do metal, e em particular das empresas auxiliares da automoçom, mas sem esquecer tampouco o ainda notável peso da construçom nesta estatística.

> As condiçons de trabalho também podem piorar diante da ameaça de um ERE, chegando-se ao extremo de renunciar a conquistas laborais para manter os postos de trabalho

Empresas e sectores em perigo

Em 2008 e no que vai de 2009 sofrêrom ou sofrem EREs muitas grandes empresas e sobretudo muitas pequenas e médias empresas que nom saem com freqüência na imprensa. No sector da automoçom podemos mencionar a Treves, a Prevent, a Draka Cables ou a Valeo; no muito danificado têxtil estám a Caramelo ou a MAFFECCO; a Fadesa ficou praticamente desmantelada na Galiza após um ERE que afectou perto de 200 pessoas; e ainda poderíamos mencionar a Bunge Ibérica (óleos), e as incertezas que constantemente pairam sobre o sector financeiro, que no caso de se concretizar a fusom –por absorçom– dalgumha entidade galega com outras foráneas, obrigaria a entidade resultante a muito possivelmente reduzir infraestrutura e pessoal recorrendo aos despedimentos colectivos.

> Os EREs afectam 11.229 pessoas, quase treze vezes mais que no mesmo período de 2008

Efeitos dos EREs

Os expedientes de regulaçom de emprego partilham muitos efeitos negativos com as deslocalizaçons –tratadas no n.º 80 deste periódico–, algo lógico se temos em conta que muitas empresas que deslocam a sua produçom recorrem à figura do despedimento colectivo.

O principal e mais evidente ponto de encontro é a destruiçom de emprego. Secundariamente está também a nom criaçom de novos postos de trabalho e o pioramento das condiçons de trabalho dos empregos que nom se perdêrom. Exemplo desta afirmaçom seria a exigência nalgumhas empresas de manter os mesmos níveis de produçom com menos pessoal mercê de umha suposta 'optimizaçom de recursos' que na maior parte dos casos nom parece objectiva.

Mas as condiçons de trabalho também podem piorar de forma 'preventiva' diante da ameaça de um ERE, podendo chegar-se ao extremo de se renunciar a conquistas laborais com o intuito de manter o posto de trabalho. Um outro efeito comum com as deslocalizaçons é o efeito em cadeia sobre as empresas auxiliares, pois ao reduzir pessoal e produçom a empresa matriz, também cai a demanda para todo o tecido empresarial associado, que por sua vez também acaba destruindo postos de trabalho.

A indústria do automóvel foi pioneira em recorrer aos EREs temporários como forma de abaratar custos e lograr umha maior 'flexibilidade horária'. A própria Citröen anunciava a começos deste ano o despedimento de mil pessoas com contrato eventual e a supressom temporária de vários turnos.

Requisitos para um Expediente de Regulaçom de Emprego

Segundo a legislaçom do Estado espanhol, os despedimentos colectivos articulam-se através do procedimento administrativo conhecido como ERE. O pedido consta de três fases básicas: requerimento, período de consultas e resoluçom.

O pedido pode partir quer da empresa, quer dos próprios trabalhadores, quem devem remeter um relatório para a autoridade laboral competente em cada caso –varia em funçom de vários parâmetros–. Se o promove a empresa, deve acompanhar o pedido de umha memória justificativa que entre outras cousas explicará as causas polas quais se recorre ao ERE, número de pessoas atingidas e, no caso de empresas de mais de 50 trabalhadoras e trabalhadores, um plano para reduzir o impacto social dos despedimentos.

Logo de estarem informadas as partes –plantel, empresa e autoridade laboral– abre-se o período de consultas, que durará polo menos 30 dias naturais. No caso de a empresa e a representaçom legal das trabalhadoras e trabalhadores estarem de acordo, o período de consultas finalizaria antes. Caso nom o estejam, a autoridade laboral ditaria umha resoluçom passados 15 dias do fim do período de consultas, indicando se aceita ou nom o ERE. A possibilidade de fraude, a ausência de medidas para minimizar o impacto social ou a falta de causas objectivas som algumhas das circunstáncias que levariam a umha rejeiçom do pedido.

NOVAS DA GALIZA
15 de Agosto a 15 de Setembro de 2009

A FUNDO

A transformaçom dos festivais de verao incrementa a dependência empresarial e institucional do lazer juvenil

Também na festa se define um povo. Em poucas décadas, a Galiza passou de ter um vasto mapa estival destinado às celebraçons comunitárias, onde se esconjurava a escasseza e se voltava a reunir a paróquia partida arredor da tradiçom, a grandes concentraçons juvenis de massas anónimas, concentradas arredor do carro particular, o álcool e grandes eventos musicais patrocinados por empresas. Nos últimos lustros, as pequenas iniciativas comunitárias, artelhadas polo associativismo de base nacionalista, defrontam a pressom das grandes ofertas comerciais. NOVAS DA GALIZA debruça-se na invasom consumista na festa, e nas alternativas que se tecem por baixo.

ANTOM SANTOS / Há justo um ano, umha reportagem crítica publicada no portal *galizalivre.org* sobre os festivais de Verao fazia estoupar umha produtiva polémica. O trabalho jornalístico incidia na cooptaçom institucional dos festivais do Verao galegos, arrastados aliás pola voragem do consumismo alternativo. Nos habituais foros de debate do independentismo e a esquerda, abondárom as denúncias de "puritanismo" e "falta de conexom com a realidade", dado o entusiasmo generalizado com que a juventude consciencializada se lança à oferta alternativa estival. O aceso cruzamento de argumentos, porém, revelava que um grande debate estava ainda por se dar. Quase 30% do tempo da mocidade do Estado espanhol, segundo o CIS, está dedicado ao lazer, que passa a ser umha das motivaçons principais da vida, sem que os movimentos sociais reflictam em profundidade sobre o tema.

Tampouco o culto ao excesso constituía um sinal distintivo da festa galega. Bem ao contrário, a transgressom pontual compensava as justezas quotidianas, e por isso mesmo consciencializava sobre as durezas do dia-a-dia

Um debate clássico na esquerda

Contodo, e contra o que pudesse parecer, o debate nom é novo. Já nos alvores do obreirismo –e já na nossa terra–, o lazer das classes populares merecera umha atençom mui escrupulosa. O que é mais rechamante nom é o debate em si, mas os termos em que este se coloca. Porque até que a chamada "geraçom do bem-estar" e do consumo de massas ocupou a cena, a esquerda organizada alinhava-se às claras com a censura estrita dos excessos no lazer. Antón Capelán lembra, no seu estudo sobre a Compostela das décadas de 20 e 30, como a primeira juventude nacionalista e republicana censurava os "tés danzantes" com que se distraía o estudantado passivo e inconsciente. E em termos ainda mais duros, as agremiaçons locais do socialismo e do anarquismo galego proscreviam a taberna, frequentadas por milhares de proletários trás da jornada de trabalho, associando-a com o alcoolismo e a falta de instruçom. Tais posiçons seriam, a dia de hoje, motivo dum pequeno escándalo nas fileiras da esquerda, se exceptuarmos pequenos núcleos mui convencidos do seu compromisso. Em termos gerais, e ante umha falta de reflexom gritante, os movimentos sociais também fôrom seduzidos polo que Lipovetsky chama "o pós-dever": "umha sociedade em que a publicidade e os objectos se exibem mais que as exortaçons morais, onde os requerimentos materiais predominam sobre a obriga, as necessidades sobre a virtude, e o bem-estar sobre o Bem". Outro conhecido pensador falou de "gozo obrigatório" para se referir aos imperativos amorais que movem o consumo de massas: "por ironias da história –continua Lipovetsky– os valores anticapitalistas tivérom o mesmo efeito contramoralista que os mecanismos e os estímulos neocapitalistas".

A festa comunitária esfarelada

O tópico, mui cultivado polos espanhóis, caracteriza o galego como um povo submisso e, ao mesmo tempo, entregue à festa. A definiçom bem mereceria um estudo a fundo, mas de partida cumpre matizá-la sem receios. A Galiza tradicional viveu desapegada e inibida do poder espanhol durante séculos, e rematou por carregar no lombo o tópico da submissom que, em rigor, correspondia às suas elites. Quanto à festa, tampouco umha óptica hispana esclarece grande cousa. Diz-se que na Galiza sempre se celebraram "festas em excesso", esquecendo a nossa organizaçom territorial, própria dum país atlántico composto de micro-países, constituído por umha federaçom de comarcas e paróquias. Com efeito, tinha que haver muitas festas numha terra onde viviam quase 4000 freguesias, e que concentrava 50% de núcleos habitados do Reino de Espanha. Além do número, a festa era um elemento fundamental para a comunidade –e nom para o indivíduo– como nos lembra Marcial Gondar: "umha forma de reconciliaçom comunitária, numha sociedade tradicional pejada de tensons quotidianas e confrontos larvados". Com as vagas migratórias que desangrárom o País, a festa ainda servia para lembrar "a paróquia de alá", ou para receber os visitantes.

> "Passamos do lazer como conquista do movimento obreiro a um ócio produtivista, onde se gera um *horror vacui* por ficar quedo. Procura-se umha experiência instantánea, a ser possível forte, como umha *preia* rápida"

Gozo atropelado

Tampouco o culto ao excesso constituía um sinal distintivo da festa galega. Bem ao contrário, a transgressom pontual compensava as justezas quotidianas, e por isso mesmo consciencializava sobre as durezas do dia-a-dia. O sentido da medida, a imposiçom de claras restriçons, marca todas as sociedades, agás a do capitalismo senil. "Quanta maior oferta de lazer, mais necessidade de abranger todo, como quando na natureza a necessidade acaba por criar o órgao", dizem uns investigadores dedicados ao estudo do ócio juvenil.

A saturaçom do calendário, com um solapamento de festivais constante, é outra das críticas recorrentes que se lançam contra a deturpaçom da festa. Frente aos festejos tradicionais, que adoitavam viver-se na paróquia própria ou na das contornas, onde a gente se deslocava a pé ou num carro utilizado colectivamente, o circuito de festivais do Verao alimenta o transporte de longa distância, a sobreposiçom dumhas celebraçons com outras, e a ánsia por participar de todo. Os especialistas em sociologia já estudam estes novos fenómenos, que muitas vezes se vinculam a dependências compulsivas. "Passamos do lazer como conquista social do movimento obreiro –diz Antonio López, da UNED– a um ócio produtivista, onde se gera um *horror vacui* por ficar quedo. A gente procura umha experiência instantánea, a ser possível forte, como umha *preia* rápida (...) isso de se deitar e pensar nos biosbardos passou à história polo imperativo produtivo do lazer".

Esta obriga do gozo atinge dous sectores sociais diferenciados. Um é a maioria dos moços assalariados galegos, atados a trabalhos insalubres, estressantes e em muitos casos absurdos, e com condiçons de precariedade que batem marcas na Europa; e um outro é o das camadas juvenis sobrequalificadas, baixo dependência familiar, incapazes de se inserirem num mercado laboral fragmentado. Esta é a mocidade atada ao presentismo, que nom quer apostas fortes polo incerto do seu futuro, e que "investe" na festa todas as energias, numha mostra de presentismo que nom quer projectos colectivos, e que se confessa apática ou niilista.

Festa empresarial

Com a emergência cultural galega e a reorganizaçom nacionalista de há três décadas, um novo panorama festeiro começou a abrir-se caminho, substituindo ou complementando-se com a festa paroquial tradicional. Assi nascêrom eventos como o festival de Ortigueira, de partida artelhado por umha escola de gaitas locais para revalorizar o folque, e consagrado a dar voz a umha nova geraçom que gozava da cultura galega e praticava a reivindicaçom. Outros festivais veteranos e consagrados, como Pardinhas, em Guitiriz, ou o festival irmandinho, em Moeche, nasceram com esse propósito e ainda continuam com o velho espírito. Na década de 90, com a eclosom do bravu e de novas expressons musicais em galego, o rock reivindicativo chegou a estes actos, complementando-se com os acordes do folque. O trabalho voluntário, a ausência de grandes patrocínios capitalistas e os espaços abertos à reinvindicaçom política eram as notas dominantes.

Uns lustros depois, o panorama mudou radicalmente. A recuperaçom do festival de Ortigueira, a inícios deste século, patenteou esta transformaçom profunda: implicaçom económica total de grandes empresas nada comprometidas com a nossa cultura, como a Gadis ou a Estrella Galicia, fomento dumha dinámica mercantil alternativa, com compra e venda de todo tipo de objectos, e ausência absoluta de dinámica de reivindicaçom e luita popular. O alternativo, noutros casos, nom está censurado, mas pura e simplesmente desvirtuado. Assi acontece em dous conhecidos festivais do sul da Galiza, o "Festival Alternativo de Alhariz" e o Reperkusion, a realizar no próximo mês de Setembro. Sob formas de

alternativas populares, coam-se autênticos macroconcertos que pensam apenas em arrastar a máxima quantidade de gente possível, e que portanto nom se poderiam levar a cabo sem o apoio económico do governo. Em ambos os festivais citados, o imaginário e a simbologia altermundistas utilizam-se como reclamo de produtoras musicais privadas, da multinacional da cerveja Heineken ou da banca galego-espanhola.

Alternativas institucionais e resistências

Nem todo é branco e preto, tampouco no terreno das festas populares. Durante o passado governo bipartido, a Direcçom-Geral da Juventude subsidiara generosamente o festival "Irmandinhos, a Revolta", um jogo de rol ao vivo com centos de participantes. A novidade do evento –além do debate que se pode dar sobre os subsídios– é que rompe a cesura entre actores-espectadores, pois todas as pessoas assistentes faziam parte do evento, como os autênticos protagonistas, rachando aliás com a identificaçom reiterada entre lazer e álcool que se dá nos fins-de-semana.

Também o movimento galego ergue as suas próprias alternativas de lazer, e em muitos casos nom nega o subsídio. "Entendido como desfrute do povo dum dinheiro que é do povo", diz-nos um activista dum centro social. Artábria, o Fervedoiro, Aguilhoar ou a já veterana SCD do Condado, som algumhas das entidades que inçam os Veraos de festa e reivindicaçom, onde a mao-de-obra é militante, e o propósito, nacional é de esquerdas. Porém, tampouco desconhecem os riscos da proximidade institucional: em 2007, o CS Aguilhoar enfrentou-se a ameaças de ruptura dos apoios da alcaldia de Vilar de Santos por organizar umha palestra "com independentistas radicais e violentos", e em Salvaterra ainda lembram a falta de apoios institucionais trás queimarem a bandeira espanhola do concelho.

Contodo, as propostas comunitárias som mui plurais, e agoiram resistências à forma mais espectacular de conceber a festa. Desde há anos, a Gentalha do Pichel dedicou-se a recuperar as velhas festas da Rua de Baixo, em Santiago de Compostela, mais preocupada em oferecer uns dias de convívio em galego para o bairro, que em juntar milhares de pessoas; no terreno desportivo, a associaçom O Varal argalhou a bem sucedida Liga Nacional de Bilharda, que está presente em dúzias de celebraçons –independentistas ou nom– de Ortegal ao Minho. "O bom do nosso desporto –diz-nos um participante da Conferência Sul– é que venhem os velhos e os novos, os politizados e nom politizados, os desportistas e os que nunca se movem. E nom paramos de ganhar gente".

As iniciativas agromam por toda a Galiza, e entre muitas delas existem laços estreitos, como acontece em geral com todo o que se move por volta dos centros sociais. Noutras latitudes, onde existe semelhante preocupaçom, dérom-se importantes passos adiante. É o caso dos Países Cataláns, onde já se constituiu umha federaçom de "Festas Maiores Autogeridas e Alternativas" que se preocupam por argalhar umhas celebraçons organizadas polo povo, distantes das instituiçons, e receosas do consumismo, incluído o alternativo. Disponhem dumha coordenadora que oferece recursos, actividades e conhecimentos, com a intençom confessa de que "o importante é partilhar todo".

ENTREVISTA

"Os movimentos de okupaçom estám hoje mais fortes que nunca na Galiza"

VIRGÍLIO TEIXEIRA, DO CENTRO SOCIAL OKUPADO 'AS ATOCHAS' DA CORUNHA

OLGA ROMASANTA / Contra os espaços mortos, contra a especulaçom urbanística, contra as relaçons verticais, contra a sociedade do lixo e as dinámicas de consumo. Os movimentos okupas tenhem hoje mais motivos que nunca para se fazer ver, e nom estám desaproveitando a oportunidade. Com muitos projectos consolidados e outros que começam a andar, a Galiza urbana e também rural está convertendo-se em ninho de diversas experiências okupas que começam a se coordenar. Falamos com Virgílio Teixeira, do CSO as Atochas.

Como nasce o projecto de okupaçom do CSO das Atochas?

Na Corunha existia já um tecido político que partia de iniciativas como Mil Luas, Oveja Negra ou o nacionalismo. Essas diferentes inquietudes juntárom-se no Outono de 2007 para consolidar umha assembleia firme de pessoas que preparárom o projecto de ocupaçom durante seis meses. Figérom-se estudos urbanísticos para a escolha dum lugar óptimo para o trabalho social e político, e que pugesse o dedo na ferida da história imobiliária. Em 14 de Março de 2008 entra-se na que hoje é a Casa das Atochas. Partimos de duas sensibilidades que cremos protocolares de cara à sociedade: o idioma e o veganismo. A partir daí, fomos construindo em relaçom com projectos de cultura livre, obradoiros, produçom ecológica… A ideia de reciclagem foi a linha de actuaçom que se seguiu desde o princípio para denunciar umha sociedade de excessos, que desaproveita recursos.

"O bairro das Atochas foi umha zona rural e mais tarde obreira. Prentendíamos vindicá-la e queremos denunciar os projectos urbanísticos que pojam por derrubar a identidade do bairro"

Os projectos de okupaçom pretendem converter os espaços para a especulaçom, mortos, noutros abertos para todos, de organizaçom horizontal, contra a dinámica monetária da sociedade de consumo.

Que vos leva a escolher essa zona?

O bairro das Atochas tem 500 anos de antigüidade, foi umha zona rural e mais tarde obreira, com umha tradiçom de luita. Um dos nossos objectivos era a defesa e vindicaçom da zona… Aliás, pretendem-se denunciar os projectos urbanísticos que pojam por derrubar as tipologias tradicionais e a identidade do bairro. A vivenda que se escolhe pertence a um construtor mui mal querido na zona, isso joga ao nosso favor.

Qual está sendo o acolhimento social do projecto?

A resposta é bastante desigual. A gente de idade adoita ser mais reservada, sobretodo desde que protestamos pola aprovaçom do derrubamento de vários edifícios por parte da Cámara Municipal para construir umha praça. Para alguns isso é o progresso, porque as Atochas foi umha zona bastante estigmatizada. O CSO mantivo sempre umha atitude de respeito ao bairro: os concertos nom acabam depois das 11, e procura-se nom interromper o ritmo da vizinhança. A gente nova responde melhor, mas começa a ver-se na faixa de 18 a 20 anos um desinteresse que antes nom existia. Estám cada vez mais imersos numhas dinámicas de consumo que fam que actuar socialmente seja difícil. Mas, naturalmente, há gente para todo.

> "Nas vilas a autogestom é diferente, é mais singelo que na cidade ter horta. As do rural adoitam ser experiências identitárias, de fortalecimento das formas de vida autónomas"

Organizastes em Julho umhas jornadas em que vos juntastes gente de diversas okupas do País para pordes em comum os vossos projectos. Como avalias a situaçom dos movimentos de okupaçom a dia de hoje na Galiza?

Os resultados das jornadas fôrom ainda mais estimulantes do aguardado. Há muitos projectos consolidados, e outros muitos que começam a andar agora, em relaçom com a nova situaçom socioeconómica. Ainda que se partisse de projectos mui distintos, uns pensados como centros sociais, outros mais como vivenda, foi interessante para tratar de nos coordenarmos. Pode-se dizer que os movimentos okupas estám fortes neste momento.

Está-se a pensar, daquela, nalgum tipo de coordenaçom a nível nacional?

Sim. Pensa-se em calendários de actividades conjuntos, em publicaçons, em jeitos de propagaçom, … Trata-se de nos pormos em conhecimento, de contribuirmos com experiências e de multiplicarmos as nossas ideias, embora seja de perspectivas diferentes.

Ainda que as okupas costumem estar mais vinculadas com fenómenos urbanos, nas jornadas houvo também gente que começa a construir o seu projecto nas vilas, como os casos de Ponte d'Eume ou Bergondo. Som enfoques diferentes? Qual é a acolhida que tenhem no rural?

Embora haja diferenças de percepçom, coincidimos na luita contra a propriedade privada, as relaçons verticais que lança o sistema. Nas vilas a autogestom é diferente, resulta mais singelo que na cidade ter umha horta. As do mundo rural adoitam ser experiências identitárias, de fortalecimento das formas de vida autónomas. No ámbito urbano é habitual estarem mais vencelhados com movimentos políticos, musicais, etc. A acolhida é díspar, como aqui. No rural há umha concepçom mui forte do minifúndio, da propriedade, mas também se entende o proveito dumha terra abandonada.

Como está a afectar a crise imobiliária na hora de buscar umha alternativa na okupaçom?

Bom, acho que de momento nom houvo tantas receitas contra a crise como se aguardava, mas evidentemente o momento socioeconómico ajuda. Os construtores estám mais atados do que antes, com o que é mais simples meter o dedo na ferida, questionar e destruir as armas do sistema Para além disto, o discurso da okupaçom compreende-se melhor num momento de máxima especulaçom.

Qual é a situaçom legal no que atinge aos movimentos okupas?

Existe um protocolo mais ou menos claro no que se refere à desocupaçom de vivendas, mas nom tanto a centros sociais. A falta de experiência leva a que tanto autoridades, forças do estado e o próprio construtor comentam torpezas que jogam ao nosso favor. Por isso é imprescindível termos conhecimentos legais.

Como vês o futuro dos movimentos de okupaçom?

Na sociedade existente cada vez é mais comprometido colocar esta classe de questons, mas o certo é que quando arrancam surpreendes-te do resultado. Gente que se organiza, que questiona, que tem coragem. Isso é sempre um sucesso.

NOVAS DA GALIZA
15 de Agosto a 15 de Setembro de 2009

FOTO-REPORTAGEM

25 de Julho em imagens

CRÓNICA VISUAL DE UM NOVO DIA DA PÁTRIA QUE PLASMOU A CONSOLIDAÇOM DA CAUSA GALIZA E A VOLTA DO BNG À OPOSIÇOM

Mais um 25 de Julho, mais umha jornada de luita, festa, encontro e reivindicaçons nas ruas de Compostela. Por parte do nacionalismo aglutinado em torno ao BNG, milhares de pessoas manifestárom-se para demostrar a sua força social em tempos de maus resultados eleitorais, destacando a defesa do idioma como um dos elementos referenciais. No outro pólo, a Causa Galiza incrementou a sua capacidade mobilizadora e encenou a consolidaçom da sua aposta, que voltou a reunir o independentismo organizado reclamando soberania frente à crise. Cresceu também a adesom popular à solidariedade com os presos independentistas enquanto a polícia espanhola incrementou a sua presença e atacou com especial violência as manifestaçons juvenis.

Cadeia humana solidária. Por volta de 150 pessoas rodeárom, na tarde do dia 24, a Praça da Galiza com as maos entrelaçadas, denunciando a situaçom dos presos independentistas Santiago Vigo e José Manuel Sanches. A política penitenciária do PSOE e a dispersom dos presos políticos fôrom o alvo principal das críticas transmitidas polo organismo anti-repressivo Ceivar / ZÉLIA GARCIA

Reivindicaçom desde o dia 24. A cadeia humana a favor dos presos continuou polas ruas da zona velha de Compostela em forma de manifestaçom, que foi escoltada por um forte cordom policial desde a própria Praça da Galiza. Acabaria minutos mais tarde com um acto político na Porta do Caminho em que também interveu Mário Regueira, escritor e representante da Plataforma 'Que voltem a Casa!' / ZÉLIA GARCIA

Jornada de Rebeliom Juvenil. Durante a tardinha do dia 24, a organizaçom juvenil Briga percorreu as ruas de Santiago de Compostela até que umha violenta carga policial dispersou a sua marcha, deixando várias pessoas feridas. A continuaçom, esta organizaçom tinha preparado um concerto dos grupos Arenga, Kógito, Kop e Dios ke te Crew no parque de Belvis. Durante o concerto içárom umha grande bandeira galega depois de queimarem umha espanhola, também de grande tamanho / VERA-CRUZ MONTOTO

Rondalha nom consegue sair. A décima quinta Rondalha da Mocidade Independentista este ano nem sequer conseguiu sair da Praça do 8 de Março (Porta do Caminho), em que a AMI organizou diversas actividades centradas na situaçom da língua durante a tarde do dia 24 de Julho. O dispositivo policial que acompanhou estas actividades foi assistido por mais reforços para cargar contra a mobilizaçom, impedindo que saísse, apesar da contestaçom por parte de manifestantes / GZI-FOTO

Protagonismo espacial para a defesa da língua. As reivindicaçons polo galego estivérom presentes nas diferentes manifestaçons nacionalistas, num ano marcado pola ofensiva iniciada por grupos minoritários, amplificada polos meios de comunicaçom e promovida desde o poder polo PP. No balom que porta a menina pode ler-se a frase de Castelao "Se ainda somos galegos é por obra e graça do idioma" / SOLE REI

Noite de distúrbios. A carga policial contra a AMI provocou que os e as manifestantes tentassem impedir a passagem de dezenas de carrinhas policiais na Rua de Sam Pedro. Para isso, cruzárom veículos e contentores, e a perseguiçom policial chegou até o parque de Belvis. A seguir, várias entidades bancárias fôrom atacadas por vários grupos de encapuzados em diferentes pontos da cidade / GZI-FOTO

Soberanismo unido. A unidade da esquerda soberanista levou este ano mais gente à manifestaçom convocada por Causa Galiza. Todo o independentismo caminhou polas ruas de Compostela atrás do lema 'Contra a crise do capital soberania nacional'. Em primeiro plano, membros da associaçom Francisco Villamil reivindicam a repatriaçom dos cinco cubanos que continuam prisioneiros nos EUA / SOLE REI

Múltiplas reivindicaçons. A praça da Galiza foi utilizada como palco de diversas iniciativas. Militantes de Ceivar e participantes na Liga Nacional de Bilharda esperárom à passagem das diferentes manifestaçons do 25 de Julho. Na convocatória de Causa Galiza estivo mui presente a reivindicaçom da vizinhança de Cangas contra o projecto de construçom de um porto desportivo frente à antiga fábrica de Massó / SOLE REI

Renovaçom no BNG. A língua e a crise económica protagonizárom a maior parte das reivindicaçons do Dia da Pátria. Guilherme Vázquez encabeçou pola primeira vez a manifestaçom do BNG, que finalizou, como cada ano, na Praça da Quintá, onde a Secretária Geral de Galiza Nova, Íria Abói, e próprio Guilherme Vázquez, se dirigírom à assistência / SOLE REI

Tarde em Belvis. Laura Bugalho, sindicalista processada por prestar ajuda a imigrantes em situaçom ilegal, dirigiu-se à manifestaçom no final da mesma em representaçom da plataforma autodeterminista Causa Galiza. Depois do canto do hino galego, boa parte da assistência dirigiu-se ao parque de Belvis, onde se realizou um jantar popular e diversas actividades ao longo da tarde / SOLE REI

Cerco a manifestantes no Toural. A manifestaçom de Causa Galiza terminou na praça do Toural. A escolta policial que a acompanhou acabou fechando a praça com um cordom de polícias de choque visivelmente armados. O muro policial impedia a entrada de manifestantes e cortava a passagem para as zonas mais turísticas da cidade / SOLE REI

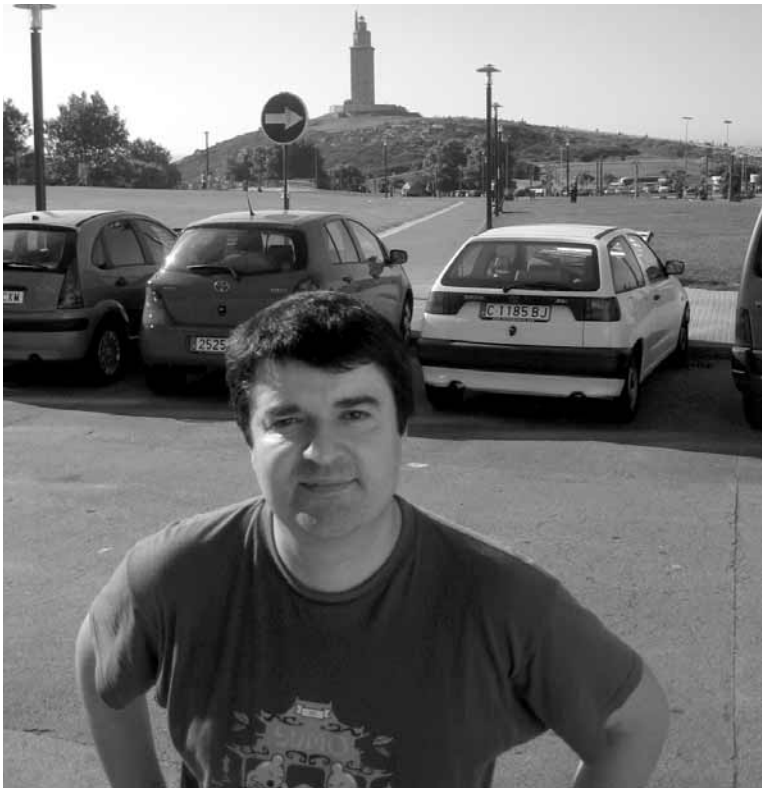
NOVAS DA GALIZA
15 de Agosto a 15 de Setembro de 2009

CULTURA

XURXO SOUTO, ARTISTA E JORNALISTA

"O projecto consistia em tentar que a Rádio Galega fosse mais galega e vencer a incomunicaçom"

DAVID CANTO / Um parêntese, um breve parêntese, aguardamos. Há uns meses que o *Aberto por Reformas* fechou e, com ele, umha etapa de zénite para a música do país. Quando Xurxo Souto (Monte Alto, A Corunha, 1966) fai umha parada parece que algo vai acabar... Por enésima vez deixa o caminho marcado, e bem marcado. Esta vez deixa umha geraçom de músicos e umha audiência que dificilmente teria vivido umha obra tam longa e tam curta, tanto que haverá que "continuá-la noutra praça", como rezava a repichoca final, no dia 1 de Junho na Rádio Galega.



Como valorizas estes três anos de *Aberto por reformas*? Cumpriste as expectativas ou superaste-as?
À margem das expectativas, foi umha experiência fascinante. A minha sensaçom pessoal é que foi umha grande avalancha de música a eito. Eu pensava que conhecia a música galega, mas descobrim que é muitíssimo mais ampla. Foi mui bonita a relaçom com umha audiência que demandava esse tipo de música e também o descobrimento de toda umha geraçom de músicos sem passado. Eu gosto de chamar este último ano, o ano do lampejo, do lóstrego, porque véu umha fornada de grupos que estám a marcar um fito na história da música galega.

O efervescência musical que se está a produzir tem as suas raízes no espaço que oferecestes aos grupos que vemos agora nos festivais.
Estám a acontecer cousas extraordinárias na música galega. Em Vigo, Aid, a rapeira de Valadares, é fascinante. Na Corunha está a passar o momento 'Corunhento', nunca houvo tantos grupos em galego e de gente nova: Chama-lhe Xis, de Bluesoms, Chotoko eu, Trapalhada... Todos eles tenhem um elemento comum, a presença da mulher como parte importante. Terra adentro, em Ourense, encontramos um dos lugares mais cosmopolitas do mundo, com toda essa música mestiça. Por outro lado, também estám a acontecer cousas na aldeia. Sempre se fala de que o rock é algo urbano, mas o outro dia estivo Zenzär em Cerzeda, 20 anos de Rock& Roll, e o rapaz que controlava o som era de Cerzeda!

E o resto da programaçom? Os resultados de audiência também te respaldavam, estás satisfeito?
Ponho em questom todos os índices de audiências porque é um sistema que sabemos que é mau e que se converteu na balança de medir para favorecer projectos ou para tombá-los. Mesmo assim, a publicidade aumentava constantemente.

O projecto consistia em tentar que a Rádio Galega fosse mais galega. Este país tem um problema, que é a grande incomunicaçom, umha pessoa de Burela sabe pola rede o que acontece em Berlim, mas nom sabe o que acontece em Verim, e um de Verim... Quem tinha que criar esse espaço de comunicaçom era a Rádio Galega, e nós caminhamos para conseguirmos isso. Nom o conseguimos totalmente, mas dérom-se esses primeiros passos. Encontramos umha rádio em estado de hibernaçom que, de algum jeito, começou a latejar.

Aguardavas um fecho tam drástico?
Entrou umha nova direcçom e é normal que eu tivesse de sair. Aí nom tenho nada que dizer. Mas, quanto a "Aberto por reformas", pudérom-se cuidar um pouco mais as formas, no sentido de que era um programa significado como elemento ligado às músicas galegas emergentes, e essa mudança radical de conteúdos foi umha torpeza.

Após o feche de Aberto por reformas geriu-se umha resposta popular organizada em defesa da música galega na CRTVG com o teu programa como bandeira. Esperavas umha reacçom assim?
O importante disto todo é que estas músicas tenhem umha audiência e que há um público mui amplo que as demanda. Todos e todas devemos continuar a demandar umha programaçom em que essas músicas tenham um lugar importante. Por imperativo legal, como di nos primeiros artigos da Lei de Criaçom da Companhia, essa rádio está criada para a difusom da língua e da cultura galega. Se isto nom se fai, está-se a incumprir a lei.

A defesa e difusom da música galega e a ligaçom com a lusofonia fazia-se com total naturalidade. Resultava fácil estabelecer nexos entre elas?
A relaçom é natural. Antes da dimensom "científica" do debate filológico, está a realidade da comunicaçom, das emoçons. A música é emoçom, portanto a música cantada em português é música nossa, é parte das nossas emoçons. A música cantada em português, já seja na variante brasileira, moçambicana ou angolana, é umha música que imediatamente sentes dentro de ti, estám a falar na tua língua emocional, e isso é o mais importante.

Agora colaboras em Radio Coruña, que explora a tua faceta literária. Está fechado o Xurxo Souto músico-radiofónico e é o momento do teu alter-ego propriamente literário?
Eu sinto-me comunicador, sempre que tivem um meio a mao empreguei-no. Tanto se era umha caneta como se era um microfone... De facto, é o que levo fazendo toda a minha vida, com os grupos de música, a Tropa da Tralla ou em Radio Coruña... Estes últimos anos, o volume de trabalho que implicava estar na Rádio Galega impedia-me fazer outras cousas. Agora estou, digamos assim, de ano sabático, voltando ao rego das minhas emoçons. Dedicarei-me a escrever outra vez...

Tiveste algum oferecemento para continuar de algum jeito o labor que fazias estes anos?
Por enquanto nom. Neste momento, aspiro, por motivos pessoais, a ter um ano sabático, quero fazer um parêntese, a ver se som capaz de consegui-lo. Mais adiante claro que sim, a rádio é um meio absolutamente maravilhoso, mas agora tentarei fazer umha pausa.

Estás nos cenários com Os Tres Trebóns, com um espírito bravú mui marcado. Com umha gira tam intensa como a deste ano... podemos aguardar umha entrega ao labor musical similar à da época dos Diplomáticos?
Nom. Como músico, a felicidade que sinto sobre um cenário nom é comparável a nada, as sensaçons som plenas. É lógico que queiramos subir aos cenários e experimentar essa sensaçom. Os Tres Trebóns é um conjunto de baixa intensidade, por assim dizê-lo, aberto, em que vam entrando amigos, vam-se incorporando, e tem esse objectivo. Estes anos estamos a tocar muito, mas nom se trata de criar um novo projecto musical sólido.

LÍNGUA NACIONAL

O ovo

VALENTIM R. FAGIM / Umha das frases que mereceria estar no pódio polo seu poder paralisante é: *as línguas irmás*. Estas três palavras dizendo nada dizem tudo. Tenhem servido para lavar as maos, fazer boa cara e nom mexer um dedo.

Em 2000, o escritor Suso de Toro comparava a cultura galega com um aquário confortável. Lá fora chovia a cántaros, mas o pessoal estava bem cómodo entre as suas paredes de vidro. Afinal, as leis do mercado e do público nom lhe diziam respeito. Sempre achei, de certeza, umha boa metáfora. Vamos trocá-la já agora por umha outra, *um ovo*.

Há que começar por notar que este ovo é um bocado especial, precisa de muitos nutrientes e, no entanto, é pouco nutritivo. É assim como um ovo para observar, ou para mostrar, nem tanto para comer. Portanto, o pessoal prefere alimentar-se noutros espaços enquanto o ovo continua no mesmo lugar, com a mesma forma, a oferecer o mesmo.

Sem quebrar ovos nom se fam omeletes diz o ditado popular.

ENTRELINHAS

O olhar visionário de Lois Pereiro

AARÓN L. RIVAS / Está a se achegar a estreia do documentário *Contra a morte*, umha fita gravada por Iago Martínez e Álex Cancelo em que se repassa a vida de umha das vozes máis renovadoras das letras galegas: o poeta Lois Pereiro. Nado em Monforte no ano 1958, a vida deste homem viu-se marcada pola enfermidade, sendo a sua obra testemunho da luita interior por se aferrar à vida.

Porém, a personagem de Pereiro vai além da sua poesia. Os seus posicionamentos políticos e vitais fam da sua umha figura a reivindicar. As diversas influências que Pereiro foi absorvendo ao longo da sua vida (desde os autores clássicos do anarquismo até escritores coma Conrad ou Melville, ou músicos como Lou Reed) e os seus movementos polos cenários 'underground' dos anos 80 farám do seu discurso umha proposta inovadora na sua geraçom.

Desde a sua *Modesta proposición para renunciar a facer xirar a roda hidráulica dunha cíclica historia universal da infamia*, publicado no ano 1996, derradeiro ano da vida do seu autor, a voz de Pereiro proclama a sua postura contrária ao Poder. A sua posiçom é clara: é precisa a insurrecçom para mudar o rumo de umha história que só deixa vencedores e vencidos. Umha visom que recolhe o conceito de luita de classes. Ademais pom baixo a sua lupa a espectacularizaçom da realidade na sociedade capitalista e nega-se a participar do mundo publicitário. Lois Pereiro posiciona-se no bando da Beleza.

Desta forma, as palavras de Lois neste texto som quase as de um visionário, mostra umha ampla desconfiança no progresso e reivindica a necesidade de umha resistência ao que ele chama o "imperio 'zombie' de Microsoft mental". A súa bagagem e experiência vital fam da *Modesta proposición* um texto político com uns posicionamentos originais e afastados de referentes na política partidária.

A sida, o sexo, a revoluçom, a funesta vida urbá, som temas de que Lois nos fala com umha experiência e umha sensibilidade especial. A sua figura deu ares novos à literatura galega, que ele criticava por "professoral" e academicista. O seu compromisso com a língua também estivo presente ao longo da sua obra como um princípio irrenunciável para a sua criaçom artística.

"Escrevo em galego porque formo parte de umha cultura que possue umha língua própria para se expresar" explica em umha entrevista publicada na revista *Luzes de Galiza*. "Escrever em galego hoje supom de por si um compromisso a priori. Esta língua tem que ser reconstruida", afirmou Pereiro.

CINEMA PARA PENSAR

A Valsa com Bashir

O massacre de Sabra e Chatila

F. TRAFICANTE / Filme documentário de animaçom, esta recente obra cinematográfica israelita de 2008, da autoria de Ari Folman, pode ser vista de dous planos diferentes.

Por um lado, a denúncia do massacre genocida, tal e como o definiu a ONU numha resoluçom daquela altura, onde falangistas cristaos libaneses mataram a sangue frio centenas de homens, anciaos, mulheres e crianças, além de crueldades de todo o tipo, incluindo torturas e violaçons. Isto figérom-no em duas vilas de refugiados palestinianos fugidos de Israel para o Líbano anos atrás, chamadas Sabra e Chatila, fronteiriças com Israel. Os assassínios fôrom em resposta ao assassinato do líder maronita (umha facçom do cristianismo no mundo árabe) Bashir Gemayel junto a outras quarenta pessoas quando estourou umha bomba no edifício das "Forças Libanesas", aliadas com Israel. Quando quigérom vingar-se, o governo israelita deu-lhes toda a cobertura para que milicianos maronitas estivessem durante três dias massacrando a populaçom palestiniana, até o ponto de o exército israelita lançar bengalas polas noites para que pudessem assassinar como se fosse de dia. Ainda Israel continua sem dar conta da sua colaboraçom nesse genocídio, apesar da condena da ONU e com o triste agravante de que o Ministro da Defesa naquela altura era Ariel Sharon, que chegaria a ser Chefe de Governo de Israel e provocar durante o seu mandato a Segunda Intifada quando deu um passeio polos lugares sagrados do Islam em Jerusalém.

O segundo plano de que falo, e que dá um interesse maior ao filme, é o tratamento que os israelitas dam à sua memória pessoal, que pode alargar-se numha leitura da memória colectiva da sua história recente. O protagonista da história nom logra lembrar os acontecimentos em que participou, como se lhos apagassem do cérebro, e só após umha conversa com um antigo companheiro de armas começa a relembrar aqueles dias. Através da conversa com diversos ex-companheiros daqueles dias vai recompondo os dias vividos e o horror contemplado. O filme parece falar mais da descriçom da capacidade do povo israelita para olhar para outro lado com tal de seguir a viver numha quotidianeidade sem problemas, antes que enfrentar o horror provocado polas suas acçons. Mas isto nom sai grátis, até o ponto de ter problemas psicológicos e pesadelos contínuos, pois por muito que se queira esquecer a violência, afinal esta tem que sair por algures. Se nom é através do consciente, vai ser através do subconsciente que nom se pode eliminar quando dormimos. O filme serviu ao director Ari Folman para de algumha maneira exorcizar esses fantasmas que levava consigo durante mais de vinte anos. O problema é que o conflito continua aí, e Israel terá que valorizar até que ponto lhe vale a pena insistir no status quo e nom tratar de procurar umha resoluçom definitiva ao conflito com o povo palestiniano.

DESPORTOS

Liga nacional de Bilharda

Nasce a conferência central [área estornela] depois da irrupçom brutal da LNB no Dia da Pátria

XERMÁN VILUBA / Este 25 de Julho passado, Compostela foi invadida por cosmonautas bilhardeiros que dérom um pequeno passo para o palanador, mas um enorme salto para a revoluçom que confirmou, com um enfaixamento próprio no dia da pátria, a valentia suprema e a firme aposta da LNB na visibilidade total como movimento desportivo e social-indigenista que implica, vincula e veicula umha espectacular força centrífuga, como se demonstrou no multitudinário aberto, posterior ao almoço de Causa Galiza.

A Liga Nacional de Bilharda contou com importante presença nos actos do 25 de Julho em Compostela

Como tínhamos anunciado, o campo base da LNB foi instalado na praça da Galiza junto com os colegas de Ceivar, umha mais que agradável companhia para visibilizar nas duas grandes manifestaçons do dia da pátria que muitos colegas estám a sofrer nas cadeias físicas e imaginárias por terem modos diferentes de pensar e de praticar um desporto.

No aberto do serám, com a representaçom de todas as conferências na pista de terra de Belvís produzírom-se movimentos para procurar novos palanadores perante o iminente início da temporada. O Atreu da Corunha movia fichas e tentava incorporar palanadores para assim luitar firmemente por um título, entretanto, a EkipA SafaRi do NorLeste também trabalhava e assinava os serviços do mindoniense Paulo. Finalmente, faltaria por confirmar a notícia que adiantou Borxa, o palanador Luguês, de que o centro social Madia-Leva está a tentar consolidar umha equipa estável na competiçom, com epicentro na marinha Luguesa, e que se fosse confirmada seria umha bomba.

Muitos movimentos e abanons que conduzírom o Toño dos Furabolos e o Santi da Assembleia Aberta a umha final com umha única carreira que rematou em empate e em que o palanador do Sul, sem sapatos, unicamente em meias, foi capaz de conseguir o disco Vozes Novas, oferecido polo NOVAS DA GALIZA.

Mentres que noutros frentes a máxima é implorar subsídios e ajoelhar-se ante o amo para comer da sua mao, a LNB enfrentou, neste contexto actual de repressom geralizada, o monumental repto de medrar e multiplicar-se pondo em funcionamento outra Conferência mais. Se morares na zona já estás a demorar em quebrar as cadeias e unir-te à nova tribo central que tem o seu embriom no poder e na magia dinamizadora dos Furabolos.

Um poderoso brinde com licor café no balcom do Cruzeiro durante a desputa do I Foucinho d´Ouro na Cámara Municipal do Pinho, oficializou o início da Conferência Central [área estornela], e deixa, como é de lei na LNB, que o licor mais bravo corra polas nossas veias e nos dê a legitimidade plena que nunca um papel carimbado será capaz de outorgar-nos. Os Ancares, Soutipedre (Maceda), Tordóia... a revoluçom estende-se imparável neste ambiente repressivo de galinhas azuis infectadas da raiva anti-galega. Nem um passo atrás, nem para apanhar impulso para golpear a bilharda, aguardamos-te nos zulos bilhardeiros, onde se organiza a resistência indígena!!.

Murguía, Revista Galega de Historia é un proxecto autoxerido, no que grazas a centos de subscritores e lectoras vai descubríndose a Historia da nosa nazón, divulgándoa e póndoa en valor.

No último número apreséntase unha boa parte dos mitos e lendas que conforman o noso imaxinario colectivo, así como a nosa pegada na tradición e lendas doutros países, caso de Irlanda, obvio a través do Leabar Gabhala que reproduce o último número de Murguía, RGH...

Nome ____ Apelidos ____
Endereço ____
Localidade ____ CP ____ Teléfono ____
Solicito: Subscrición ☐ Máis Información ☐
Enviar á Murguía, Revista Galega de Historia: Apartado de Correos 755 15.703 Compostela ou secretaria@revistamurguia.com Teléfono 629.31.12.68

Subscribete! | www.revistamurguia.com |

www.novasgz.com | assinantes@novasgz.com | Telefone: 692 060 607

NOVAS DA GALIZA

Preenche este impresso com os teus dados pessoais e envia-o a NOVAS DA GALIZA, Apartado 39 (CP 15.701) de Compostela

☐ Subscriçom + livro = 35 € ☐ Subscriçom anual = 24 € ☐ Assinante Colaborador/a = ___ €
☐ Subscriçom + pack bilharda = 30 € ☐ Subscriçom + duplo pack bilharda = 35 €

Nome e Apelidos ____ Telefone ____
Endereço ____ C.P. ____
Localidade ____ E-mail ____

☐ Nº Conta ____
☐ Junto cheque polo importe à ordem de Minho Média S.L.

Assinatura

Santiago de Compostela eleva a sua altura desportiva para a temporada 2009-10

NGZ / Compostela parece recuperar, no plano desportivo, o nível que corresponde à capital da Galiza. Bem é certo que este desponte do desporto espectáculo -que nom é indicativo do nível do desporto de base- tem causas políticas claras. A primeira, que é a cidade com nível de renda mais elevada do país, o que se explica pola importante achega de funcionários e técnicos dirigentes que recalam nas diferentes administraçons. E a segunda, o importante apoio político a umha cidade que, para o poder, representa a Junta, o Jacobeu, a meca do turismo e a excelência universitária.

Seja como for, Compostela recuperou o baloncesto de primeiro nível, com o ascenso nos gabinetes do Obradoiro. O clube, que já rompeu a barreira dos 2.000 sócios e sócias na campanha de captaçom estival, tem detrás um importante patrocínio empresarial, a empresa Blue sense, especializada na fabricaçom de MP3 e com factorias abertas na China. Também o Jacobeu patrocinará a primeira equipa de baloncesto na cidade.

No futebolístico, e depois do descenso administrativo do "Ciudad" (fruto dumha planificaçom desportiva por cima das possibilidades), o Compostela volta ser a equipa de referência, numha 2ª B com mais esquadras galegas que nunca. Por trás do projecto, o polémico J.M. Caneda, criticado e incomprendido, mas responsável de absolutamente todos os êxitos da equipa nas últimas duas décadas. Também o futebol sala continuará a atrair a olhada dos siareiros, pois o Lobelle nom perde referencialidade, depois de temporadas onde roçou o mais alto.

Quatro galegos nos Mundiais de Berlim demonstram bom momento do atletismo nacional

NGZ / Eva Arias, natural do Barco, culminou umha excelente temporada com marca pessoal nos 3.000 obstáculos. Ainda que ensombrada pola palentina Marta Domínguez, mostrou umha grande satisfacçom polo seu papel nos mundiais, considerando que "já é um luxo chegar aqui". Manuel Penas, de Arçua, competiu com o mais selecto do fundo mundial na final dos 10.000 metros, que tivo que abandonar, forçado por várias moléstias nos tendons de Aquiles. Também foi para el satisfatório chegar a Berlim, onde tivo o privilégio de partilhar pista com os reis do fundo, etíopes, eritreus e quenianos.

Em maratom, finalmente, a lucense Sandra Aguilar e o compostelano Pedro Nimo pensam "em acabar a prova, que nom é pouco". Ao fecho desta ediçom, as competiçons ainda nom se celebraram.

Momento doce do atletismo galego, mas recorda Nimo: "de quatro que vamos, as duas rapazas treinam fora e nom estám federadas na galega por falta de apoios. E Penas e eu nom chegamos aqui por apoio de ninguém, senom sobrevivendo graças às carreiras populares". Que tome nota quem deve.

O ciclismo galego provará-se na "Vuelta" baixo a liderança de Mosquera

NGZ / O Jacobeu pole a sua preparaçom neste Agosto nos cúmios de Trevinca. Depois de importantes actuaçons em anos anteriores, os ciclistas galegos, baixo direcçom de Álvaro Pino, preparam o assalto ao pódio. "Nom renunciamos de antemao", diz o preparador. Todas as olhadas estám postas no ciclista teense Ezequiel Mosquera (que estreia umha penha de apoio organizada polos seus convizinhos).

Oito componentes da equipa trabalharám duramente para o próprio Ezequiel, que neste Setembro nom renuncia a se fazer com o triunfo de algumha das etapas. No ano passado fixera o segundo posto no Alto da Rabassa, e o terceiro na etapa de montanha de Fuentes de Invierno.

O triatlo galego continua na cima com o retorno de Pilar Hidalgo

NGZ / O nome de Pilar Hidalgo esmorecera a começos desta década. Desde a sua primeira vitória internacional em 2002, os problemas físicos pejaram a consolidaçom da triatleta, natural de Cee. Neste Verao que andamos, conseguiu a Copa da Europa em Varna (Bulgária), o seu melhor resultado desde que conseguira o bronze neste mesmo campeonato, quando se realizara no País Valenciano em 2004. Um mérito engadido de Hidalgo acha-se na sua determinaçom por continuar no desporto mais competitivo. Superou umha doença do coraçom e umha intervençom cirúrgica, para além de vários problemas físicos menores.

E nom foi a única na cima, porque Saleta Castro entrou em novena posiçom, e Aida Valiño na décima. Em categoria masculina, Antom Ruanova segue a dar que falar, porque roçou o bronze e, de quarto classificado, tivo que conformar-se com a "medalha de chocolate".

Portanto, a Galiza mantém o seu melhor nível, apoiado num cuidado exquisito da canteira. Neste mês de Agosto, o nosso país organizou umha prova estatal de categorias inferiores em Porto Marim, sem equivalente em outros países da península. A apariçom de figuras de talha internacional ajuda ao estímulo dos mais cativos, ao que também contribuiu a campanha de difusom levada a termo nas escolas. Galiza conta já com 22 clubes, dos quais 9 trabalham sistematicamente a canteira. Na cabeça, poderosas entidades como Cidade de Lugo Fluvial ou o Bricosa Arcade Inforhouse de Santiago.

NOVAS DA GALIZA

APARTADO 39 (15701) COMPOSTELA - GALIZA / TEL: 630 775 820 / PUBLICIDADE: 692 060 607 / info@novasgz.com

OPINIOM	2	REPORTAGEM	9
EDITORIAL	3	A FUNDO	12
NOTÍCIAS	4	CULTURA	16
ANÁLISE	11	DESPORTOS	18

PAULA ARES | SÓCIA E TRABALHADORA DA UNIVERSIDADE RURAL GALEGA

"Queremos ser umha rede para a intercomunicaçom de quem crê na dignidade e no futuro do rural"

CARLOS CALVO VARELA / A Universidade Rural Galega surge como iniciativa que busca valorizar e recuperar umha cultura ameaçada pola crescente urbanizaçom da sociedade e o desprezo para um mundo que tem sido senha de identidade da Galiza. Procuram restabelecer o património etnográfico fomentando o seu conhecimento e favorecer a comunicaçom entre as pessoas que fam a sua vida no rural. Para isto, um bom número de colectivos dérom forma a um modelo de universidade popular com interessantes propósitos e ambiçons.

Como nasce a Universidede Rural Galega?

Após várias conversas entre pessoas pertencentes a diferentes grupos e associaçons preocupadas polo nosso mundo rural, chegamos à seguinte valorizaçom comum: é um facto amplamente aceitado a enorme achega que o mundo rural tem feito à cultura e à vida em geral; nom é menos evidente que umha parte de essa achega está a esmorecer progressiva e implacavelmente. Somos muitas as pessoas que sentimos um fundo pesar dessa desfeita e partilharmos a impotência que sentimos.

Há bastantes pessoas e associaçons que estám apurando com muita criatividade e teimosia a recolhida, cuidado e/ou preservaçom de todo o património etnográfico galego, levando a cabo projectos reais e inovadores, criadores de futuro para um mundo rural vivo. A URG nasce com a ideia de tentar fazer visível todo o anterior e gostaríamos de ser o altofalante de toda essa realidade.

Que tipo de actividades ides levar a cabo? A URG dará aulas?

A nossa principal actividade é dinamizar os nossos censos e tentar chegar a ser umha rede que ligue e ponha em contacto todas as pessoas que trabalham e moram no rural. Participar em publicaçons, organizar palestras, debates,... sempre em colaboraçom com outros grupos ou associaçons. Antes de que acabe o ano queremos organizar quatro palestras, mas preferimos fazê-lo sempre em base a umha demanda de algum grupo ou associaçom, assim que qualquera que leia isto e tenha algumha ideia pode pôr-se em contacto conosco e trabalharemos conjuntamente.

Este ano começamos com o trabalho de visibilidade da URG, já que temos um contacto de publicidade com o Jacobeu até Dezembro e estamos a assistir a feiras com um posto informativo sobre o projecto.

Da URG nom organizamos aulas, mas facilitamos os contactos dos e das sabedoras da nossa cultura que estám dispostas a impartir os cursos, isto é um dos alvos dos nossos censos dinámicos, que os dados nom fiquem só num papel senom que se movam.

Umha das vossas principais actividades vai ser a elaboraçom de censos. Explicade-nos um pouco de que tratam.

Trabalhamos na elaboraçom de três censos:

1) Banco de sabedoras/es: pessoas que sabem ou trabalham em algum ofício tradicional galego.

2) Conservadoras/es e recuperadoras/es: pessoas e grupos que trabalham na recuperaçom e conservaçom dos usos e costumes rurais.

3) Projectos de desenvolvimento: grupos que estamos a trabalhar no desenvolvimento do meio rural. Nos três tipos de censos tentamos recolher os problemas e necessidades das pessoas e grupos. De algum jeito saber que pessoas estamos no rural e que necessitamos para podermos continuar nele e mantê-lo vivo.

A etnografia vai ter um papel central para vós, nom é?

Gostaria de fazer umha pequena pontualizaçom sobre esta palavra que fai pouco nos enviou Santiago Prado Conde, antropólogo melidense: "...devedes mudar o termo 'etnográfico' por 'etnológico', posto que a etnografia é o estudo das práticas e conhecimentos de um grupo, comunidade... utilizando para isso a descriçom empírica depois da realizaçom de umha investigaçom científica e nom fai referência à acumulaçom de objectos deslocalizados como costumamos ver em muitos museus definidos como etnográficos; em troca, cunha-se como património etnológico 'um colectivo que foi conformando, no transcurso do tempo, um complexo sistema cultural diferenciado e diferenciador respeito a outros colectivos (Agudo)'.

Resumindo os objectivos gerais da URG vê-se que em todos eles a etnologia tem um papel mui importante: colaborar na recuperaçom, conservaçom e difusom dos saberes tradicionais do meio rural; pôr em valor as iniciativas de recolhida, conservaçom e difusom das tradiçons rurais; favorecer o reconhecimento e dignificaçom do meio rural e da sua história; fazer chegar à sociedade toda a riqueza pessoal, grupal e etnográfica do meio rural; ser umha rede que facilite a intercomunicaçom de todos os grupos que cremos na dignidade e no futuro do rural.

Os sipaios da co-oficialidade lingüística

HÉITOR PICALLO

As confusons em que se enmaranhárom, como gatos com novelos, os actuais próceres da Junta dirigem-nos para umha situaçom de total anormalidade em diversos assuntos, e o lingüístico é um dos que mais nos preocupa. Porque, de reformarem o actual estatuto de autonomia da nossa nacionalidade histórica (sic. Nación), chegará um ponto em que os sipaios do reino assegurem que o espanhol também é a língua natural da Galiza e que a galega é co-natural com essa outra. Depois, ex professo e com as mesmas intençons de sempre –as do império da transumância–, tentarám mudar o significado do nosso léxico (porque eles sim que sabem de lingüística) e onde se diga co-oficial ou co-natural, num novo rebaixamento de direitos, procurará-se que o prefixo "co" signifique "por baixo de" em vez de "igual a". A guerra das línguas começou, e cada quem vai tomando posiçons num ou noutro frente. Alguns serám leais à terra e outros, das graneiras de Espanha, na rua do Hórreo, tentarám fazer-nos crer que estamos errados e que a nossa causa nom é legítima. Do mesmo modo que figérom com a vaga incendiária, limparám o nosso idioma com mangueiras de "chiringuito" de praia e sapatos "castelhanos" (ou anglosaxóns?).

Igualdade de *status jurídico* para o galego e o espanhol? Nom o creio. Quem fôrom aqueles que, enchendo as suas bocas com as "papas da democracia", conseguírom que aprender o galego nom fosse um direito e um dever? Se consultamos a Sentença do Tribunal Constitucional (26-06-1986), com respeito à Lei de Normalizaçom Lingüística (1983), amém do recurso interposto polo governo espanhol do P(SO)E, comprovaremos que som os mesmos de agora, aqueles que bebem os ventos dos que nom se querem chamar "Espanha monolingüe". P(SO)E, P(P), oportunistas... parece ser que levantam o facho do "galeguismo cordial" enquanto regurgitam bile e, birolhos, olham no horizonte a sua ansiada corte. Extinguem-nos enquanto miam. Se calhar algum dia, as pessoas que continuemos a falar em galego, receberemos amendoins como monos de circo; ou seremos visitados como sioux, arapahoes, cheyennes... nas reservas espanholas. No entanto, nom vestiremos cartola, mas seremos NÓS.